

# O SETOR DE LATICÍNIOS NO BRASIL

## E SUAS INTERAÇÕES COM O COMÉRCIO INTERNACIONAL



# O SETOR DE LATICÍNIOS NO BRASIL

## E SUAS INTERAÇÕES COM O COMÉRCIO INTERNACIONAL



# SUMÁRIO

RESUMO EXECUTIVO .....	05
1. INDÚSTRIA BRASILEIRA DE LÁCTEOS .....	15
2. BALANÇA COMERCIAL DO SETOR LÁCTEO BRASILEIRO .....	29
3. BARREIRAS À COMERCIALIZAÇÃO DE LÁCTEOS NO BRASIL .....	39
ANEXOS .....	51
ANEXO 1 – APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS 13 PRODUTOS ANALISADOS CONFORME SUA NOMECLATURA COMUM DO SUL - NCM.....	51
ANEXO 2 – AGREGAÇÃO DOS 13 PRODUTOS ANALISADOS CONFORME SUA NOMECLATURA COMUM DO SUL - NCM E SUA PARTICIPAÇÃO NA PAUTA DE COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL.....	53
ANEXO 3 – LISTA DE ABREVIACÕES.....	55



## RESUMO EXECUTIVO

O setor de lácteos brasileiro, composto pelos segmentos produtores de leite e seus derivados (como creme de leite, leite em pó, iogurte, manteiga e queijos), apresenta-se como o 4º maior do mundo. Internamente, em 2017, essa cadeia produziu na parte agrícola R\$ 30,4 bilhões, representando 5,4% do Valor Bruto da Produção Agropecuária nacional e 17% da produção pecuária brasileira. Nas etapas industriais, em 2016, o setor de lácteos gerou uma produção superior a R\$ 54 bilhões. Atualmente a produção de leite está presente em todo o território nacional e em mais de 99% dos municípios brasileiros, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A atividade agropecuária, em especial a produção de leite, tem características peculiares, como a perecibilidade do próprio leite e dos produtos derivados, como queijo, manteiga, etc. Assim, é natural que essa atividade esteja concentrada em regiões próximas às indústrias de laticínios e os grandes mercados de consumo. Portanto, é fundamental entender a distribuição e localização da produção de leite em diferentes regiões do país. Logo, para entender a relevância desse setor foi importante determinar o mapeamento da produção agrícola de leite no Brasil e, para tal, foram utilizadas diferentes bases de dados com informações tanto a nível nacional quanto regional - em alguns casos são evidenciados, inclusive, dados estaduais.

Nas seções a seguir, a cadeia de laticínios será detalhada de acordo com o seu elo (agrícola ou industrial) e com as suas interações com o comércio internacional (balança comercial e barreiras comerciais).

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA DE LEITE: MINAS GERAIS NA PONTA, MAS O SUL GANHA ESPAÇO

Atualmente o Brasil é o 4º maior produtor de leite do mundo e a cadeia de laticínios representa 5,4% do valor bruto de setor agropecuário e 17% da pecuária. Embora, a produção de leite seja bastante dispersa (seja em número de produtores, seja em regiões produtoras), é importante destacar:

- O rebanho de vacas ordenhadas concentra-se nas regiões Sul e Sudeste do país (56% do total), sendo que o estado de Minas Gerais possui o maior número de cabeças (5 milhões);

- Ao longo das últimas duas décadas acelerou-se o crescimento do rebanho na região Sul (estado de Santa Catarina e Paraná), bem como nas regiões Norte (Tocantins) e Nordeste (Maranhão), evidenciando uma perda de participação da região Sudeste. Ao mesmo tempo, essa dinâmica releva a expansão da pecuária para a região Norte e Nordeste em áreas de bioma Cerrado;
- O volume de produção atingiu 33,6 bilhões de litros de leite, sendo o estado de Minas Gerais o maior produtor com 9 bilhões de litros em 2016;
- Em termos de regiões geográficas, o volume de produção está concentrado nas regiões Sul e Sudeste (71% do total). Atualmente, o volume de produção da região Sul é superior ao da região Sudeste (12,5 contra 11,5 bilhões de litros);
- O valor da produção atingiu R\$ 30,4 bilhões em 2017. Em termos reais, nos últimos vinte anos, o valor da produção cresceu a 4,5% a.a.;
- Entretanto, a recente crise econômica associada a outros fatores internos como a greve dos caminhoneiros e a instabilidade política afetaram em cheio o setor. O valor da produção em termos reais está no mesmo patamar de 2013.

## **PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE LEITE E DE SEUS DERIVADOS: UM ESPELHO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA**

Em 2016, o valor total da produção industrial de leite e de seus derivados foi de R\$ 54,4 bilhões, sendo que somente o valor da produção de leite atingiu cerca de R\$ 17 bilhões, enquanto a fabricação total de laticínios atingiu R\$ 37,6 bilhões, representando cerca de 70% do valor total de produção desse setor. Desagregando o setor por seus produtos, merecem destaque:

- Na fabricação de laticínios, a produção de queijos e outros derivados representam cerca de 50,8% do total, atingindo cerca de R\$ 28 bilhões. Em seguida, destaca-se leite em pó (11%), creme de leite (3,9%) e manteiga (2,1%), cuja produção agregada soma cerca de R\$ 10 bilhões.



**Tabela 01**  
**PRODUÇÃO DE LEITE (INDUSTRIALIZADO) E DERIVADOS EM 2016**

PRODUTO	VALOR PRODUZIDO (R\$ BILHÕES)	PARTICIPAÇÃO (%)
LEITE	16,9	31,0%
FABRICAÇÃO DE LATICÍNIOS	37,6	69,0%
CREME DE LEITE	2,1	3,9%
LEITE EM PÓ	6,0	11%
SORO DE LEITE	0,7	1,3%
MANTEIGA	1,1	2,1%
QUEIJOS	13,9	25,4%
OUTROS DERIVADOS	13,8	25,4%
<b>TOTAL SETOR LÁCTEOS</b>	<b>54,4</b>	<b>100%</b>

Fonte: IBGE<sup>1</sup>.

- Embora o mercado de leite se caracteriza por uma pulverização pelo lado da produção da matéria-prima (leite) com distribuição em todas as regiões do país, há poucos compradores para o beneficiamento desse produto na indústria. Na realidade, em 2017, as quatro maiores empresas (Nestlé, Laticínios Bela Vista, UNIUM e CCPR/Itambé) receberam cerca de 60% do leite produzido pelos pecuaristas, atingindo 5,1 bilhões de litros de leite.
- Estima-se que a capacidade instalada de processamento do leite das 14 principais empresas de laticínios no país seja de 13,8 bilhões de litros por ano.

## COMÉRCIO EXTERIOR: MODESTA PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA

Apesar de ser o 4º maior produtor de lácteos do mundo, o Brasil é apenas o 12º exportador; a União Europeia domina esse mercado, seguida pela Nova Zelândia e pelos Estados Unidos. O consumo interno brasileiro ainda é dependente do mercado externo, mesmo apresentando uma produção crescente desde a década de 1990.

<sup>1</sup> Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6705>

Atribuem-se vários fatores à mudança ocorrida na década de 1990, como a abertura comercial e a integração econômica, aumentando assim os investimentos na cadeia produtiva do leite. Com a criação do Plano Real e fortalecimento da economia brasileira também houve mudança nos padrões de consumo, alavancando a produção do setor lácteo, e contribuindo para transformar esse produto em uma commodity.

Por um lado, a despeito da Venezuela e Arábia Saudita até 2017, não há um grande comprador das exportações brasileiras. As vendas de lácteos nacionais no mercado externo são pulverizadas entre diferentes países e a posição que esses países ocupam na importação produtos de laticínios oscila ano a ano. Por outro lado, apenas dois países (Argentina e Uruguai) detém ano a ano mais de 50% da pauta importadora da indústria láctea brasileira.

Dentre os derivados do leite:

- O leite em pó se apresenta como o mais representativo para o setor, tanto em termos de exportação quanto de importação. No ano de 2017 esse derivado representou 72% do volume de lácteos exportados pelo Brasil, seguida por creme de leite (17%) e queijos (8%). De acordo com os dados mais recentes, essa sequência se manteve em 2018.
- Em relação a pauta de importação, o leite em pó responde por 60% no volume de lácteos importados em 2017, seguido por queijos (14%) e soro de leite (12%). De acordo com os dados mais recentes, esse ranking também permanece inalterado em 2018.



Tabela 02

**VOLUME COMERCIAL, EM TONELADAS, DOS PRINCIPAIS LÁCTEOS  
COMERCIALIZADOS PELA PAUTA INTERNACIONAL BRASILEIRA**

DESCRIÇÃO	EXPORTAÇÕES				IMPORTAÇÕES			
	2018		2017		2018		2017	
	VOLUME	%	VOLUME	%	VOLUME	%	VOLUME	%
CREME DE LEITE	2.390	25	3.268	17	0	0	0	0
LEITE EM PÓ	4.344	45	14.021	72	34.886	54	59.305	60
IOGURTE	149	2	16	0	0	0	1	0
SORO DE LEITE	45	0	29	0	8.600	13	11.530	12
MANTEIGA	83	1	10	0	1989	3	2.799	3
QUEIJOS	1.616	17	1.649	8	10.350	16	13.450	14
TOTAL	8.627	89	18.992	97	55.825	87	87.085	88
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>9.656</b>	<b>100</b>	<b>19.577</b>	<b>100</b>	<b>64.186</b>	<b>100</b>	<b>99.312</b>	<b>100</b>

Fonte: Comex Stat<sup>2</sup>.

Por fim, o Brasil é um país que tem estrutura para ser um grande exportador de lácteos, porém, precisa, primeiramente, atender sua demanda interna, reduzindo assim a pressão por importações. Além disso, também precisa identificar, entender e contornar os entraves comerciais para ampliar sua participação no mercado interno e ser um player mais relevante do mercado externo.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>

## BARREIRAS COMERCIAIS: UM MERCADO EXTREMAMENTE SEGMENTADO

Os entraves para o que o setor de laticínios brasileiro expanda a sua inserção internacional começam no próprio processo produtivo:

- A estrutura brasileira de leite e derivados é feita por milhares de pequenos produtores, deixando-os em desvantagem em relação aos grandes exportadores do mercado internacional;
  - Contribuem para essa dificuldade as altas cargas tributárias, a legislação fiscal burocrática e a precária infraestrutura logística em todo o país que depende, em geral, de um único modal: o rodoviário.
  - Além disso, o valor médio recebido pelo produtor de leite brasileiro proporciona pequenas margens de lucro e gera cada vez mais dificuldades para os pequenos e médios, que tem dificuldade de competir e ganhar em escala. Duas estratégias merecem destaque para superar esse obstáculo: maior incorporação de tecnologia e melhor da gestão:
- De acordo com os números do Índice Scot para a pecuária leiteira no Estado de Minas Gerais em 2016, enquanto as unidades que adotam pacotes tecnológicos de média ou alta intensidade produzem, em média, 25 mil litros de leite/hectare/ano, unidades menos intensivas em tecnologia registraram uma produção média de 1,5 mil litros de leite/hectare/ano.
  - Apesar desses números, a adoção de tecnologia mais sofisticadas não é garantia de maior rentabilidade, dado o seu custo também mais elevado. Nesse contexto, ganha especial destaque a importância da gestão. Por exemplo, um fator que decisivo para o resultado econômico na atividade leiteira é justamente a estratégia de quando fechar o preço da aquisição dos insumos. Em 2017, devido à elevação dos custos de produção (notadamente, o milho), a rentabilidade foi significativamente influenciada pela estratégia de escolher o melhor momento de fechar o preço dos insumos (Tabela iii).

Tabela 03

## ESTADO DE MINAS GERAIS: RESULTADO ECONÔMICO DA PECUÁRIA DE LEITE

SISTEMA DE PRODUÇÃO	EXPORTS						IMPORTS		
	CUSTOS DE PRODUÇÃO (R\$/LITRO)			PREÇO AO PRODUTOR (R\$/LITRO)			MARGEM DO PRODUTOR (R\$/LITRO)		
	2016	2017	VAR. %	2016	2017	VAR. %	2016	2017	VAR. %
Média/alta tecnologia (25 mil litros de leite/hectare/ano)	1.226	1.130	-7.8%	1.245	1.219	-2.1%	0.019	0.088	363.2%
Baixa tecnologia (1,5 mil litros de leite/hectare/ano)	1.085	1.047	-3.5%	1.118	1.095	-2.1%	0.033	0.048	45.5%

Fonte: Scot Consultoria<sup>3</sup>.

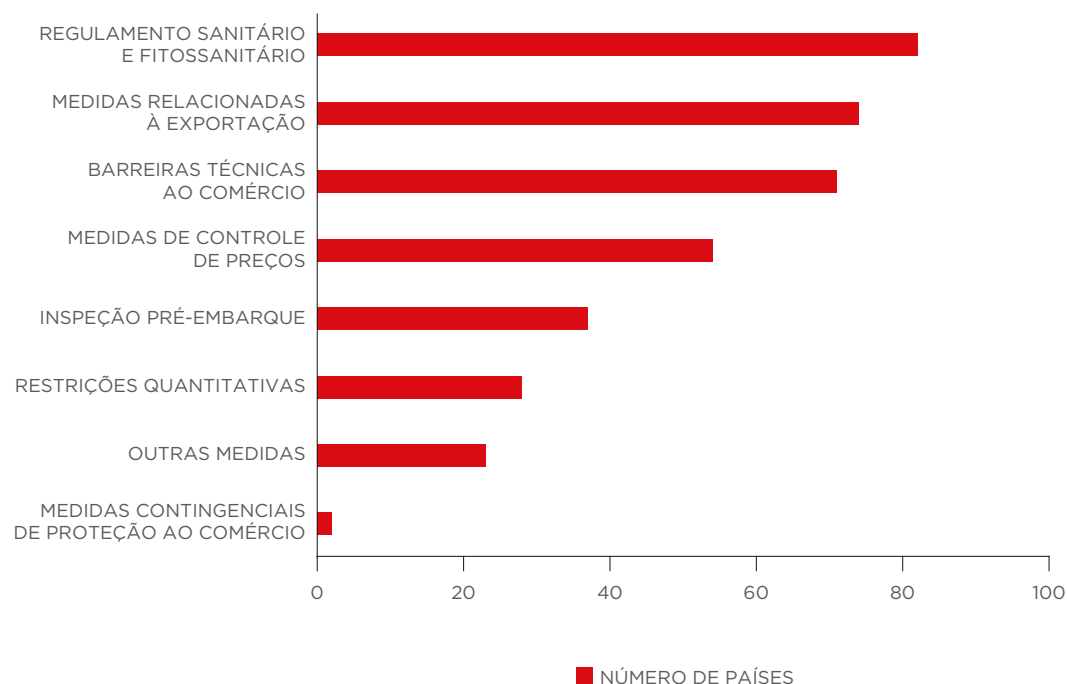
Esse diagnóstico é compartilhado pelos próprios produtores domésticos. De acordo com uma pesquisa do portal Milkpoint, os custos de produção se apresentam como o maior desafio encontrado pelos produtores brasileiros. Como a produção interna já apresenta custo elevado, o preço do leite como insumo também acaba se tornando um problema. Sendo assim, o mercado externo se apresenta mais competitivo e consegue oferecer lácteos a preços menores que os praticados internamente, tornando-se fornecedor de matéria-prima.

Os obstáculos para a exportação de leite e seus derivados não são apenas internos; diversas barreiras tarifárias e não-tarifárias são impostas ao produto brasileiro no mercado internacional:

- São impostas barreiras de regulamento sanitário e fitossanitário por 82 países ao Brasil, tornando-se a barreira não-tarifária mais adotada pelo resto do mundo em relação ao setor lácteo brasileiro;
- Outras barreiras amplamente adotadas são barreiras técnicas ao comércio (74 países), medidas relacionadas à exportação (71 países) e medidas de controle de preços (54 países).

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.scotconsultoria.com.br>

Figura 01

**QUANTIDADE DE PAÍSES QUE ADOTAM BARREIRAS NÃO TARIFÁRIAS À IMPORTAÇÃO DE LÁCTEOS BRASILEIROS**

Fonte: Trains, UNCTAD (2018)<sup>4</sup>.

Entre os principais compradores mundiais das diferentes categorias de laticínios comercializados internacionalmente estão países como China, Rússia, Estado Unidos, México e Japão, todos esses países praticam barreiras não tarifárias à indústria brasileira.

4 Disponível em: <http://trains.unctad.org/>

Tabela 04

**PRINCIPAIS IMPORTADORES DE LÁCTEOS E BARREIRAS NÃO-TARIFÁRIAS  
ADOTADAS POR ELES PARA IMPORTAR DO BRASIL**

	 CHINA	 RÚSSIA	 EUA	 MÉXICO	 JAPÃO
MEDIDAS CONTINGENCIAIS DE PROTEÇÃO AO COMÉRCIO					
MEDIDAS RELACIONADAS À EXPORTAÇÃO <sup>5</sup>		■	■	■	■
OUTRAS MEDIDAS					■
INSPEÇÃO PRÉ-EMBARQUE		■	■	■	
MEDIDAS DE CONTROLE DE PREÇOS		■	■		■
RESTRIÇÕES QUANTITATIVAS	■	■		■	■
REGULAMENTO SANITÁRIO E FITOSSANITÁRIO	■	■	■	■	■
BARREIRAS TÉCNICAS AO COMÉRCIO	■	■	■	■	■

Fonte: Trains, UNCTAD (2018)<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> Export-related measures

<sup>6</sup> Disponível em: <http://trains.unctad.org/>





# 1. INDÚSTRIA BRASILEIRA DE LÁCTEOS

## PRODUÇÃO AGRÍCOLA

O setor de lácteos brasileiro, composto por leite e seus derivados (como creme de leite, leite em pó, iogurte, manteiga e queijos), apresenta-se como o 4º maior produtor mundial dessa cadeia, para o Brasil o apresenta valor bruto de produção (VBP) de cerca de R\$ 30,4 bilhões, representando 5,4% do VBP da agropecuária e 17% da pecuária. Atualmente a produção de leite está presente em todo o território nacional e em mais de 99% dos municípios brasileiros segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Para entender a relevância desse setor é importante determinar o mapeamento da produção agrícola de leite no Brasil, para tal são utilizadas diferentes bases de dados com informações tanto a nível nacional quanto regional, em alguns casos são evidenciados também dados estaduais. São apresentados dados de volume e valor da produção, bem com tamanho e localização do rebanho de vacas destinado à produção de leite.

Essa ressalva é importante, pois a atividade agropecuária, em especial a produção de leite, tem características peculiares, como a perecibilidade do próprio leite e dos produtos derivados, como queijo, manteiga, etc. Assim, é natural que essa atividade esteja concentrada em regiões próximas às indústrias de laticínios e os grandes mercados de consumo. Portanto, é fundamental entender a distribuição e localização da produção de leite em diferentes regiões do país.

## CADEIA DO LEITE NO PONTO INICIAL: REBANHO DE VACAS ORDENHADAS

O número de vacas ordenhadas no Brasil atingiu 19,7 milhões em 2016, segundo a Pesquisa da Pecuária Municipal (IBGE, 2018). Esse valor é equivalente a 9% de todo o rebanho bovino nacional. As regiões Sul e Sudeste concentram 56% do rebanho de vacas ordenhadas, sendo 21% na região Sul e 35% na região Sudeste. A Tabela 1 abaixo apresenta a taxa de crescimento do rebanho de vacas ordenhadas nas grandes regiões do Brasil entre 1996 e 2016.

Tabela 01

**NÚMERO DE CABEÇAS DE VACAS ORDENADAS, PARTICIPAÇÃO NO REBANHO E TAXA DE CRESCIMENTO PARA AS REGIÕES BRASILEIRAS**

REGIÃO	NÚMERO DE CABEÇAS EM 2016 (MILHÕES)	PARTICIPAÇÃO NO REBANHO EM 2016	TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL 1996-2016
SUL	4,2	21%	2,60%
SUDESTE	6,8	35%	0,40%
CENTRO-OESTE	3,1	16%	1,00%
NORDESTE	3,5	18%	-0,10%
NORTE	2,1	11%	2,80%
BRASIL	19,7	100%	1,00%

Fonte: PPM, IBGE 2018<sup>1</sup>.

Para o nível Brasil, a taxa de crescimento anual no período é de 1% a.a., o mesmo valor também é encontrado para a região Centro-Oeste na qual detém cerca de 16% do rebanho nacional. A região Sudeste, principal centro produtor de leite do país, apresenta uma taxa de crescimento abaixo da média nacional no período, cerca de 0,4% a.a. Já as regiões Sul e Norte apresentam um crescimento mais acelerado do que a média nacional. Na região Sul o crescimento é puxado pelos estados de Santa Catarina (4.2% a.a.) e Paraná (2,35% a.a.), enquanto na região Norte pelo estado do Tocantins (3.4% a.a.). Não obstante ao resultado ligeiramente negativo da região Nordeste, o estado do Maranhão apresenta taxa de crescimento de 3,8% a.a.

Os dados de rebanho de vacas ordenhadas indicam que grande parte do rebanho nacional ainda está concentrado nas regiões Sudeste e Sul, as quais são as regiões onde se concentra grande parte da indústria de laticínios do país. Somente o estado de Minas Gerais, principal produtor de leite do Brasil, possui 5 milhões de cabeças, cerca de 25% de todo o rebanho nacional em 2016. Contudo, os dados acima mostram um recente crescimento do rebanho em outras regiões do país, como Centro-Oeste e Norte.

O crescimento do rebanho nessas regiões pode ser identificado pelos dados estaduais. Por exemplo, o estado de Goiás detém 11% do rebanho nacional e tem crescido acima da

<sup>1</sup> Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/ppm>

média do país. O mesmo vale para os estados já citados da região Sul. Outro ponto relevante na nova dinâmica do rebanho é o crescimento na direção dos estados do Tocantins e Maranhão. Esses resultados evidenciam a recente expansão da fronteira agrícola brasileira e em especial da pecuária em direção a esses Estados, principalmente nos municípios que compreendem a área do bioma Cerrado.

## VALOR E VOLUME DA PRODUÇÃO

Da mesma forma que o rebanho de vacas ordenhadas não apresenta uma distribuição uniforme ao longo dos estados e regiões do país o mesmo acontece com o valor e volume da produção de leite. A seguir são apresentados os dados de volume e valor da produção e, juntamente com os dados anteriores de rebanho, definem o mapa da produção agrícola de leite no Brasil.

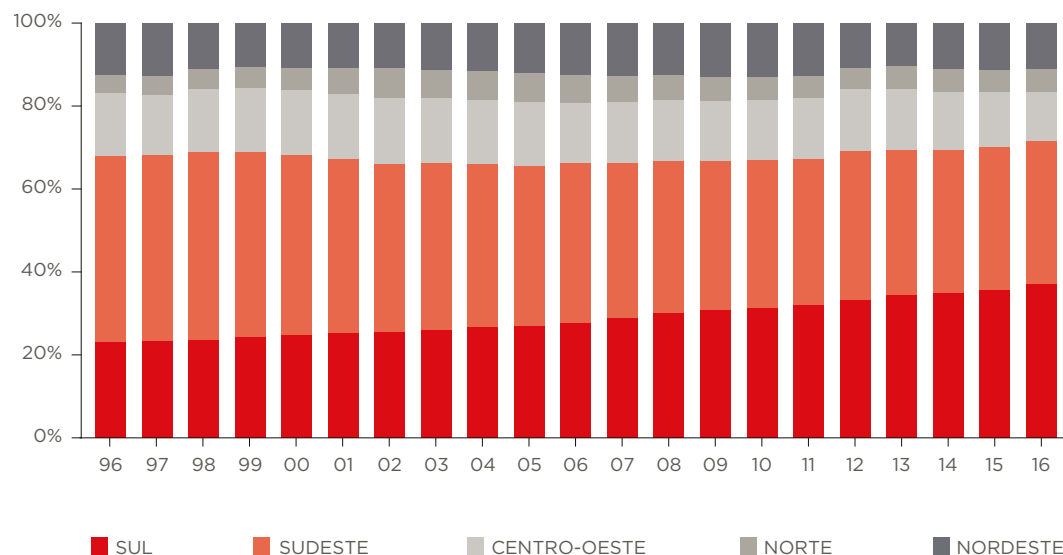
Em 2016 o Brasil produziu 33,6 bilhões de litros de leite. O recorde de produção foi registrado em 2014 quando foram produzidos 35,1 bilhões de litros. O histórico dos últimos vinte anos mostra que o volume de produção cresceu a uma taxa de 3% a.a. O estado com maior volume de produção em 2016 ainda é Minas Gerais com cerca de 9 bilhões de litros, seguido do Paraná e Rio Grande do Sul, com cerca de 4,7 e 4,6 bilhões de litros, respectivamente.

Assim como o rebanho de vacas ordenhadas, o volume de leite produzido também apresenta concentração espacial nas regiões Sul e Sudeste. Juntas as regiões representam 71% do total de leite produzido em todo o país em 2016, correspondendo a 24 bilhões de litros. A partir de 2014, a região Sul ultrapassou a região Sudeste no volume de produção, 37% contra 34%, no total do país.

O Gráfico 1 a seguir apresenta o histórico recente da participação de cada região no volume de produção de leite. As regiões Sul, Norte e Centro-Oeste ganharam participação no volume de produção, enquanto as regiões Sudeste e Nordeste perderam participação.

O caso mais evidente é da região Sudeste que em 1996 era responsável por 54% do volume produzido de leite (3,8 bilhões de litros), embora esse valor tenha crescido para 11,5 bilhões de litros, sua participação reduziu para 34% do total. Isso indica que outras regiões estão se tornando mais representativas em volume de produção. Como mencionado, este é o caso das regiões Sul e Norte, as quais tinham 22% e 0,8%, respectivamente, em 1996 e atingiram 37% e 6% em 2016. Pode-se perceber que o volume de produção segue a mesma tendência regional do crescimento do rebanho de vacas ordenhadas.

Gráfico 01

**PARTICIPAÇÃO (%) DAS REGIÕES BRASILEIRAS NO VOLUME DA PRODUÇÃO DE LEITE NO PERÍODO DE 1996-2016**

Fonte: PPM IBGE (2018)<sup>2</sup>.

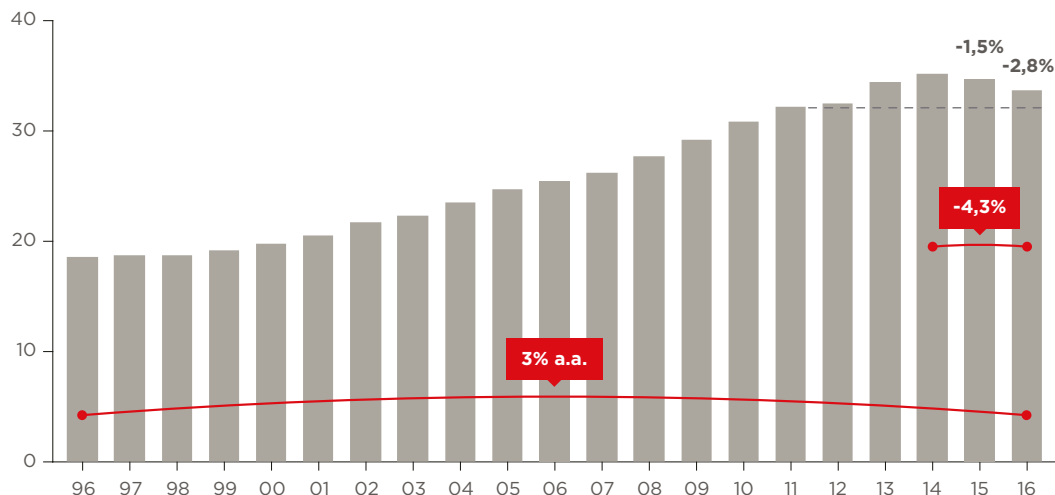
O Gráfico 2 abaixo mostra o histórico dos últimos vinte anos do volume da produção no Brasil. Como mencionado, o volume de produção cresceu fortemente no período (3% a.a.) até 2014. Esse crescimento é justificado pelas políticas de fortalecimento da demanda interna no período associado ao crescimento das exportações e valorização das commodities agrícolas no mercado internacional.

Entretanto, para os anos recentes a história é completamente diferente. Os dados mostram uma desaceleração forte desse crescimento ou uma estagnação do volume de produção. Entre os anos de 2014 e 2015 houve retração de 1,5%, e de 2015 para 2016 retração de 2,8%. Quando se considera todo o período a retração no volume da produção é de 4,3%. Os resultados indicam que o volume de produção em 2016 praticamente atingiu o mesmo nível de 2011, cerca de 33 bilhões de litros.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/ppm>

Gráfico 02

## VOLUME DE PRODUÇÃO DE LEITE DE 1996 A 2016 EM BILHÕES DE LITROS

Fonte: PPM IBGE (2018)<sup>3</sup>.

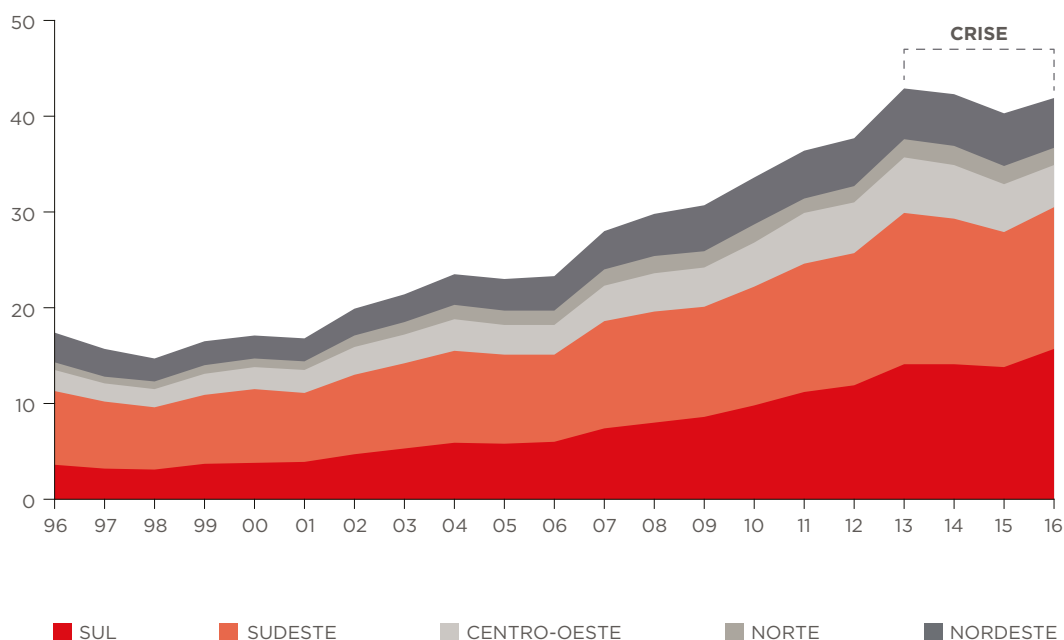
Os resultados de volume da produção se refletem nos resultados do valor da produção de leite que termos reais, descontando a oscilação de preços durante o período, também cresceu fortemente, especialmente entre 2008 e 2013, atingindo 4,5% a.a. para o Brasil. Em 2016 o valor da produção foi de R\$ 42 bilhões. Novamente, as regiões Sul e Sudeste representam mais de 70% desse valor, atingindo no mesmo ano R\$ 30,5 bilhões. O restante do valor da produção está distribuído nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte, com 12%, 10% e 4%, respectivamente.

Vale destacar novamente, que o valor da produção, assim como o volume, sofreu uma forte retração nos anos recentes. Em termos reais o valor da produção de 2016 é muito próximo do valor da produção de 2012 que foi de R\$ 38 bilhões, como mostra o Gráfico 3. Mesmo com o crescimento real de cerca de 4% entre 2015 e 2016 o setor ainda não retornou ao nível de 2013 onde o valor da produção atingiu cerca de R\$ 43 bilhões. Esse resultado se reflete de modo distinto nas regiões brasileiras, que sentiram os efeitos da crise de modo diferenciado. Ao mesmo tempo, a velocidade na qual cada região retorna ao nível pré-crise também é diferente.

3 Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/ppm>

O Gráfico 3 mostra que a região Sul é a única região que retornou ao nível de valor de produção pré-crise. A região Sudeste, principal produtora de leite do país, ainda sente os efeitos da forte retração da economia e encontra-se abaixo do nível de 2013, assim como as regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Esses resultados ainda não são conclusivos quanto aos efeitos da crise econômica do país, pois além da ausência de informação para o ano de 2017, os efeitos da recente greve dos caminhoneiros, que afetou toda a cadeia produtiva do setor de leite, ainda não foram completamente determinados. É muito provável que o retorno aos níveis de valor da produção pré-crise ainda não seja atingido em 2017, assim como em 2018, devido a paralisação que atingiu em cheio o setor agropecuário do país.

Gráfico 03

**VALOR\* DA PRODUÇÃO DE LEITE (BILHÕES DE R\$)**

\* Valores reais de 2016.

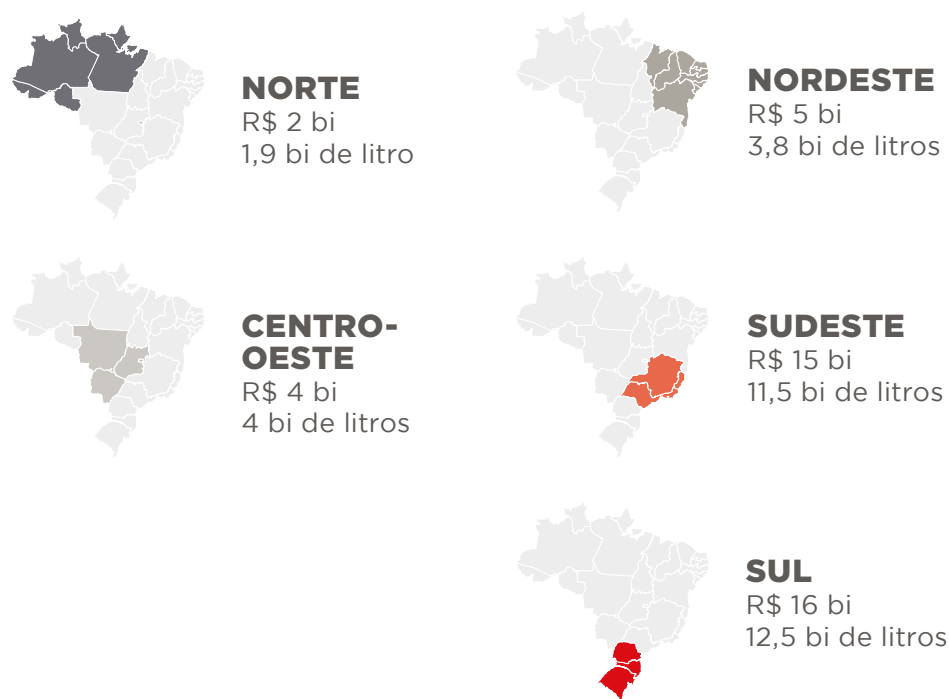
Fonte: PPM IBGE (2018)<sup>4</sup>.

4 Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/ppm>

Esses resultados devem-se a grave crise econômica que afetou o Brasil nos últimos anos, associado a uma desaceleração do crescimento econômico dos principais compradores de produtos lácteos do Brasil, como Venezuela, Arábia Saudita, Angola, e Estados Unidos. Outro ponto importante são as incertezas do cenário econômico-político interno que afeta diretamente as expectativas de produção e consumo dos agentes no setor, acarretando uma redução ou até mesmo estagnação no volume de produção interno, como foi apresentado. Os fatores internos associados aos fatores externos, como aumento das importações, redução das exportações, oscilações do preço do leite, confirmam um cenário de constante incerteza e desafio para os produtores de leite no Brasil.

Figura 01

**VALOR DA PRODUÇÃO E VOLUME DE LEITE PRODUZIDO  
EM 2016 NAS REGIÕES BRASILEIRAS**



Fonte: PPM, IBGE (2018)<sup>5</sup>.

5 Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/ppm>

Em suma, o mapeamento da produção agrícola de leite no Brasil pode ser definido como:

- Embora a região Sudeste ainda detenha grande parte do rebanho de vacas ordenhadas do país, o rebanho tem crescido mais rápido nas regiões Sul (estados de Santa Catarina e Paraná), e na região Norte (Tocantins);
- O volume da produção concentra-se nas regiões Sul e Sudeste, sendo o estado de Minas Gerais o grande produtor nacional;
- Assim como a mudança no rebanho o volume de produção também começa a se deslocar em direção à região Sul, a qual está aumentando sua participação na produção nacional.

Não obstante ao histórico de crescimento, a recente crise econômica atingiu fortemente o setor sendo que os níveis de volume e valor da produção ainda estão abaixo de 2013 (período pré-crise).

## PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE LÁCTEOS

Diferentemente da produção agrícola de leite, o mapeamento regional da produção de lácteos no Brasil é limitado pela escassez de dados regionais e por produtos derivados do leite. A Pesquisa Industrial Anual Empresa (PIA – Empresa) disponibilizada pelo IBGE torna-se um ponto de partida para dimensionar o tamanho da indústria de lácteos.

A Tabela 2 a seguir apresenta o valor da produção industrial de leite e derivados para 2016. O valor total da produção industrial foi de R\$ 54,4 bilhões, sendo que somente o valor da produção de leite atingiu cerca de R\$ 17 bilhões, enquanto a fabricação total de laticínios atingiu R\$ 37,6 bilhões, representando cerca de 70% do valor total de produção da indústria de leite.

Esse resultado é interessante do ponto de vista de agregação de valor na cadeia de produção do leite. A fabricação de laticínios envolve um número maior de etapas no processo de produção quando comparado a produção industrial do leite. O resultado reflete o nível de intensificação tecnológica do segmento, portanto é natural que ao agregar tecnologia o valor da produção desse segmento seja superior ao segmento do leite industrial.

Destaca-se na fabricação de laticínios a produção de queijos e outros derivados, que juntos representam cerca de 50,8% do total da produção atingindo cerca de R\$ 28 bilhões.



Em seguida, destaca-se leite em pó (11%), creme de leite (3,9%) e manteiga (2,1%) que juntos somam cerca de R\$ 10 bilhões.

Tabela 02

**PRODUÇÃO DE LEITE (INDUSTRIALIZADO) E DERIVADOS EM 2016**

PRODUTO	VALOR PRODUZIDO (R\$ BILHÕES)	PARTICIPAÇÃO (%)
LEITE	16,9	31,0%
FABRICAÇÃO DE LATICÍNIOS	37,6	69,0%
CREME DE LEITE	2,1	3,9%
LEITE EM PÓ	6,0	11%
SORO DE LEITE	0,7	1,3%
MANTEIGA	1,1	2,1%
QUEIJOS	13,9	25,4%
OUTROS DERIVADOS	13,8	25,4%
<b>TOTAL SETOR LÁCTEOS</b>	<b>54,4</b>	<b>100%</b>

Fonte: Sidra, IBGE<sup>6</sup>.

Outro ponto que merece destaque na indústria láctea é a pouca quantidade de compradores da produção agrícola de leite. O mercado caracteriza-se por uma pulverização pelo lado da produção com distribuição em diferentes regiões do país, entretanto com poucos compradores para o beneficiamento na indústria. A Tabela 3 mostra o ranking das principais empresas de laticínios em 2017. Destaca-se que as quatro maiores empresas receptam cerca de 60% do leite declarado pela pesquisa, atingindo 5,1 bilhões de litros de leite. Estima-se que a capacidade instalada de processamento do leite das principais empresas de laticínios no país seja de 13,8 bilhões de litros por ano.

6 Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6705>

Tabela 03

**VOLUME, EM MIL LITROS, RECEPTADO PELAS INDÚSTRIAS BRASILEIRAS DE LÁCTEOS**

EMPRESAS	RECEPÇÃO DE LEITE EM 2017			
	PRODUTORES	TERCEIROS	TOTAL	%
NESTLÉ	1048000	646400	1694400	20
LATICÍNIOS BELA VISTA	869357	452971	1322328	15
UNIUM <sup>7</sup>	679654	460003	1139657	13
CCPR/ITAMBÉ	939444	56209	995653	12
EMBARÉ	382813	186472	569285	7
AURORA	475000	13000	488000	6
CCGL	437203	1870	439073	5
JUSSARA	297186	97546	394732	5
DANONE	178837	199814	378651	4
VIGOR	254802	57873	312675	4
DPA BRASIL	39495	206943	246438	3
CENTROLEITE	217851	0	217851	3
FRIMESA	204945	9368	214313	2
CONFEPAR/CATIVA	180293	11811	192104	2
<b>TOTAL DO RANKING</b>	<b>6204880</b>	<b>2273431</b>	<b>8605160</b>	<b>100</b>

Fonte: Leite Brasil (2018)<sup>8</sup>.

7 Intercooperação de Látexos das Cooperativas Frisia, Castrolanda e Capal

8 Disponível em: <http://www.leitebrasil.org.br/estatisticas.htm>



## GREVE DOS CAMINHONEIROS E O SETOR DO LEITE

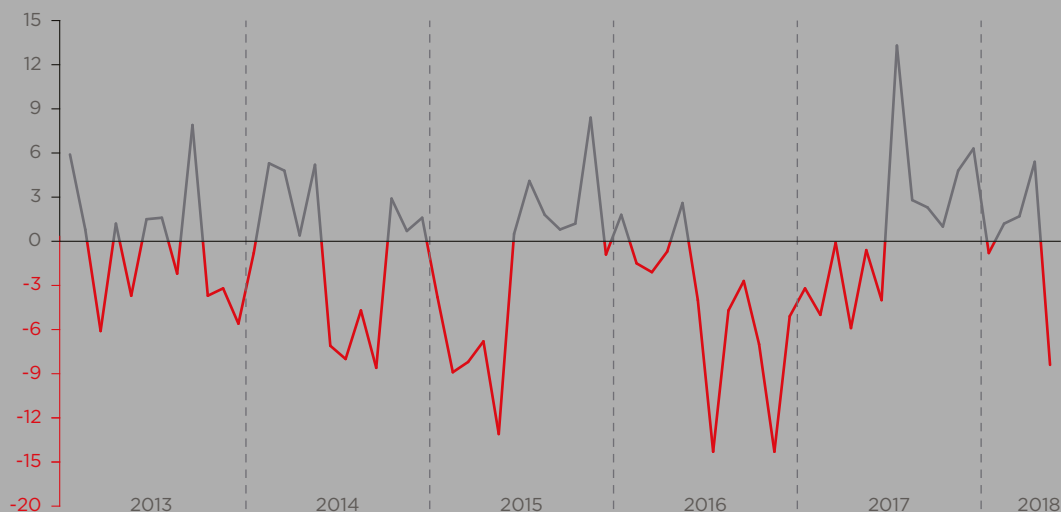
O mês de maio de 2018 no Brasil foi marcado pelo movimento de greve dos caminhoneiros. Mesmo que de forma descentralizada, o movimento atingiu diversos pontos do país com o bloqueio de estradas e impedimento do transporte de insumos e produtos. O setor agropecuário, em especial o setor de laticínios, é extremamente dependente do modal rodoviário de transportes. Ao mesmo tempo, a perecibilidade do leite e dos produtos derivados fizeram com que a atividade da cadeia produtiva do leite fosse diretamente afetada pela paralização dos caminhoneiros.

O impacto da greve dos caminhoneiros ainda é incerto nos mais diversos segmentos da agropecuária brasileira. De acordo com a CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil), durante apenas os cinco primeiros dias da paralisação, houve completa interrupção da coleta de leite por parte das maiores empresas de laticínios que operam no país, o que gerou o descarte de 280 milhões de litros. Em valores monetários, essa perda está avaliada em torno de R\$ 360 milhões. Além do descarte do leite, houve falta de ração para os animais. Com a falta de comida, os produtores tiveram que reduzir a produção de leite por animal. Ao adotar essa prática, o produtor leva um tempo para conseguir retomar o nível anterior de produção. Estima-se que a produção média de leite por vaca precisaria de um a dois meses para ser normalizada. Para elucidar esta discussão, o Gráfico 4 a seguir mostra a variação mensal do índice de produção industrial de laticínios de janeiro de 2013 a maio de 2018, justamente o mês da greve dos caminhoneiros.

Gráfico 04

## VARIAÇÃO DO ÍNDICE DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE LATICÍNIOS

Base: mesmo mês ano anterior = 100



Fonte: PIM IBGE (2018)<sup>9</sup>.

É importante ressaltar que o índice apresentado no Gráfico 4 faz sempre referência ao mesmo mês do ano anterior. Assim, pode-se perceber que em grande parte dos meses de 2013 a variação mensal do índice foi negativa, o que quer dizer que em comparação a 2012 a produção de laticínios estava em retração. A situação agrava-se no ano de 2014 e, não obstante à pequena melhora no segundo semestre de 2015, o índice despenca em 2016 seguindo o movimento de recessão de toda a economia brasileira. O impacto da greve dos caminhoneiros é evidenciado pelo resultado de maio de 2018 que mostra uma queda no índice de 8,4% em relação ao mesmo período do ano anterior (que também foi negativo, veja maio de 2017). Os resultados definitivos ainda virão durante os próximos meses, mas já começaram a ser sentidos por todo o setor agrícola e de lácteos, portanto é possível inferir que a vulnerabilidade logística e dependência de um único modal representam um dos pontos frágeis dessa cadeia.



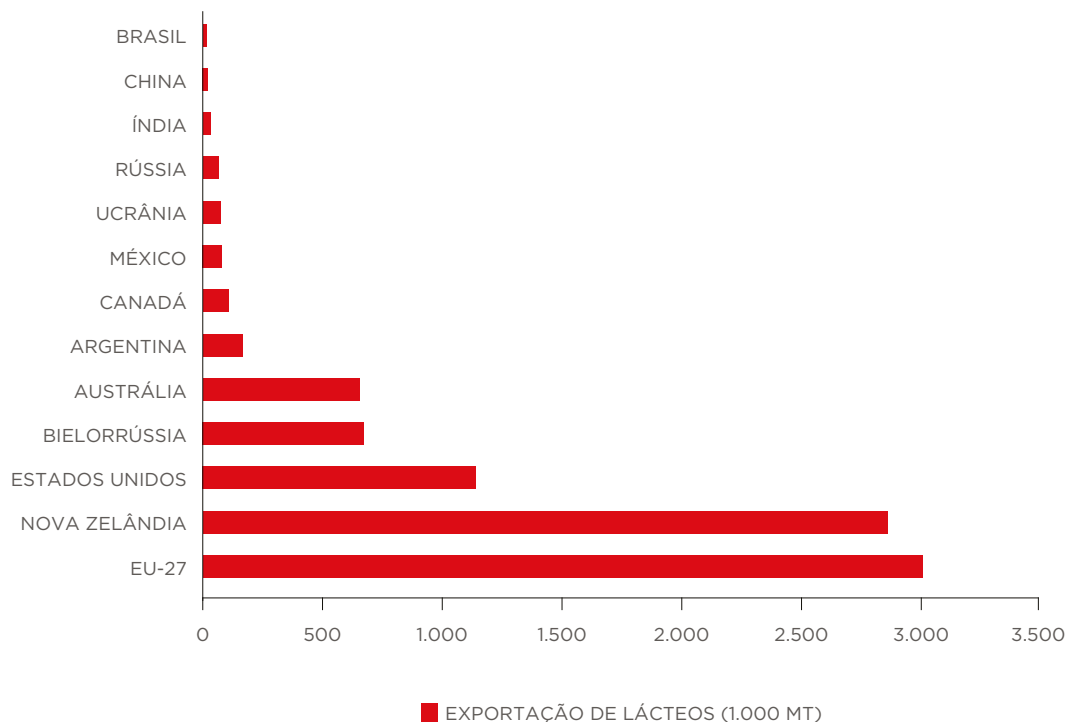


## 2. BALANÇA COMERCIAL DO SETOR LÁCTEO BRASILEIRO

Apesar de ser o 4º maior produtor de lácteos do mundo, o Brasil é apenas o 12º exportador, a União Europeia domina o mercado, seguida da Nova Zelândia e dos Estados Unidos, como mostra o Gráfico 5. Mesmo apresentando uma produção crescente e mostrando-se relevante desde a década de 90, quando se observou uma evolução na produção e comercialização de lácteos no Brasil e essa cadeia começou a se fortalecer, somos dependentes do mercado externo.

Gráfico 05

MAIORES PAÍSES EXPORTADORES DE LÁCTEOS EM 1.000 MILHÕES DE TONELADAS



Fonte: Index Mundi (2018)<sup>1</sup>.

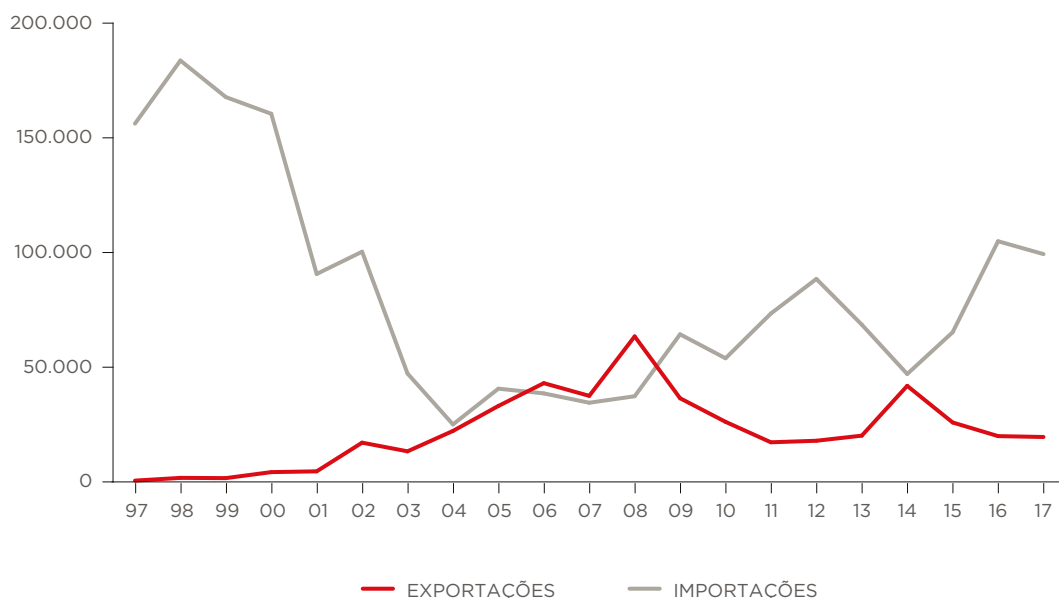
<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.indexmundi.com/agriculture/>

Atribuem-se vários fatores à mudança ocorrida na década de 90, como abertura comercial e integração econômica, aumentando assim os investimentos na cadeia produtiva do leite. Com a criação do Plano Real e o fortalecimento da economia brasileira também houve mudança nos padrões de consumo, alavancando a produção do setor lácteo, e contribuindo para transformar esse produto em *commodity*.

Pelo lado da oferta, como apresenta o Gráfico 6, essa evolução começou principalmente a partir de 2002 quando as exportações desse segmento mais que triplicaram, saltando de cerca de 5 toneladas vendidas em 2001 para aproximadamente 17 toneladas em 2002. Outro ponto importante foi a possibilidade da distribuição de leite e derivados por supermercados e a comercialização do leite longa vida, aumentando o prazo de validade do produto. Apesar desse fenômeno ter se mantido crescente até 2008, quando atingiu seu ápice superando 63 mil toneladas exportadas, com a crise econômica mundial, caiu vertiginosamente para 36 mil toneladas em 2009, havendo retomada de fôlego até 2014.

Gráfico 06

**EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE LÁCTEOS EM TONELADAS (1997 - 2017)**



Fonte: Comex Stat (2018)<sup>2</sup>.

2 Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>



Pela ótica da demanda percebe-se que a evolução na produção também contribuiu para que o mercado de lácteos começasse a ser capaz de se abastecer internamente. A partir de 1999 houve uma queda brusca nas vendas, despencando de 168 mil toneladas para 25 mil em 2004, o menor volume já importado pelo Brasil durante o período de tempo apresentado. A balança comercial brasileira só se manteve superavitária entre 2006 e 2008, revelando toda a dependência existente para suprir a demanda interna. Todavia, mesmo com a crise econômica mundial, as importações brasileiras de lácteos não diminuíram.

Observou-se uma convergência de exportações e importações em 2014, porém, desde então, o que se vê é queda nas exportações, aliada ao aumento de importações, alargando cada vez mais o déficit da balança comercial da cadeia produtiva de lácteos. Mesmo sendo um potencial produtor, além de ter condições naturais adequadas para a produção de lácteos, observa-se esse cenário de crescimento da importação de produtos desse segmento no Brasil. Os dados mais recentes mostram um déficit da balança comercial de lácteos para 2017. Para o ano em questão foi exportado um volume total de 19 mil toneladas pelo setor lácteo, representando pouco mais de US\$ 58 milhões, e importado 99 mil toneladas, representando cerca de US\$ 328 milhões, o que representa um déficit de 80 mil toneladas e quase US\$ 27 milhões.

Para o ano de 2018, observa-se a mesma tendência até o mês de junho. Até então as exportações atingiram cerca de 10 mil toneladas, totalizando quase US\$ 26 milhões, em contrapartida já entraram no país quase 65 mil toneladas, representando praticamente US\$ 204 milhões. Sendo assim as importações já superaram as exportações em 55 mil toneladas de lácteos e 178 milhões de dólares.

Todo esse volume importado é, majoritariamente, proveniente do Uruguai e Argentina, mas também compramos de países como França, Nova Zelândia e Estados Unidos, mas as importações dos demais países do mundo não superam 15%, como apresenta a Tabela 4.

Tabela 04

**VOLUME DE LÁCTEOS IMPORTADOS PELO BRASIL, EM TONELADAS,  
PARA OS ANOS DE 2016, 2017 E 2018**

	2016		2017		2018	
	VOLUME	%	VOLUME	%	VOLUME	%
ARGENTINA	40484	39	42007	42	33764	53
URUGUAI	52622	50	46752	47	21696	34
DEMAIS PAÍSES <sup>3</sup>	11808	11	10554	11	8726	14
<b>TOTAL</b>	<b>104914</b>	<b>100</b>	<b>99312</b>	<b>100</b>	<b>64186</b>	<b>100</b>

Fonte: Comex Stat (2018)<sup>4</sup>.

Considerando apenas o primeiro trimestre de 2018, o saldo da balança comercial de lácteos foi negativo, mas apresentou queda de 46% no déficit quando comparado ao mesmo período do ano anterior. No segundo trimestre é necessário considerar um novo marco em termos de perspectiva para o setor lácteo: a greve dos caminhoneiros. Com a paralisação o fornecimento de insumos para a produção e o transporte do leite foram comprometidos.

O primeiro semestre de 2018, como um todo, percebeu alta no preço do leite recebido pelos produtores, a elevação acumulada foi de 26,2% em termos reais. Em junho a competição por laticínios como matéria-prima cresceu já que a disponibilidade de leite foi reduzida após a greve. Em relação as exportações, a elevada taxa de câmbio contribuiu para o volume exportado durante o mês de junho, mas quando comparado ao mesmo período de 2017 a venda de lácteos caiu 73,8%.

Em relação às exportações brasileiras, a despeito da Venezuela e Arábia Saudita até 2017 (Tabela 5), não há um grande comprador. As vendas de lácteos são pulverizadas entre diferentes países e o *ranking* que esses países ocupam na importação de lácteos brasileiros oscila ano a ano. Enquanto a pauta importadora da indústria láctea brasileira é composta por 18 países dentre os quais dois (Argentina e Uruguai) detém ano a ano mais de 50% de tudo o que é comprado por nós, a pauta exportadora não revela um grande parceiro e não se mostra tão expressiva quanto a importadora.

<sup>3</sup> Nessa categoria estão incluídos: Chile, França, Nova Zelândia, Paraguai, Estados Unidos, Países Baixos (Holanda), Finlândia, Itália, Canadá, Alemanha, Reino Unido, Dinamarca, Suíça, Portugal, Polônia, Espanha, Nigéria e Áustria.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>

Tabela 05

**VOLUME DE LÁCTEOS EXPORTADOS PELO BRASIL, EM TONELADAS,  
PARA OS ANOS DE 2016, 2017 E 2018**

PAÍSES	2016		2017		2018	
	VOLUME	%	VOLUME	%	VOLUME	%
ANGOLA	691	3	472	2	1554	16
VENEZUELA	5663	28	2919	15	606	6
ARÁBIA SAUDITA	3616	18	2911	15	0	0
TRINIDAD E TOBAGO	1062	5	1296	7	875	9
PARAGUAI	633	3	920	5	843	9
FILIPINAS	877	4	1103	6	768	8
EMIRADOS ÁRABES UNIDOS	1781	9	1925	10	624	6
ESTADOS UNIDOS	540	3	2380	12	457	5
DEMAIS PAÍSES	5101	26	5650	29	3928	41
<b>TOTAL</b>	<b>19.963</b>	<b>100</b>	<b>19.576</b>	<b>100</b>	<b>9.656</b>	<b>100</b>

Fonte: Comex Stat (2018)<sup>5</sup>.

As duas pautas juntas são compostas por 39 produtos categorizados pela Nomenclatura Comum do Mercosul (Código NCM), dentre os quais 13 (descritos no Anexo 1) são responsáveis por 97% do volume de todos os lácteos exportados em 2017 e 89% até junho de 2018, além disso por 88% de todos os lácteos importados pelo Brasil em 2017 e 87% até junho de 2018, sendo assim, são bastante representativos para apresentar um panorama do comércio exterior desse setor. Esses 13 produtos foram rearranjados em 5 grandes categorias, quais são: creme de leite, leite em pó, iogurte, soro de leite, manteiga e queijos. A Tabela 6 apresenta a participação desses produtos na balança comercial brasileira.

A categoria Leite em Pó apresenta-se como a mais representativa para o setor, tanto em termos de exportação quanto de importação. No ano de 2017 essa categoria representou 72% do volume de lácteos exportados pelo Brasil, seguida por *Creme*

<sup>5</sup> Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>

de Leite com 17% e Queijos com 8%, essa sequência se manteve em 2018. Em relação a pauta de importação, Leite em Pó apresenta participação de 60% no volume de Látex importados em 2017, seguida por Queijos com 14% e Soro de Leite com 12%. Esse ranking permanece inalterado em 2018. A categoria Manteiga contribui, de forma tímida, para o déficit dessa balança comercial.

Tabela 06

**VOLUME COMERCIAL, EM TONELADAS, DOS PRINCIPAIS LÁCTEOS COMERCIALIZADOS PELA PAUTA INTERNACIONAL BRASILEIRA**

DESCRIÇÃO	EXPORTAÇÕES				IMPORTAÇÕES			
	2018		2017		2018		2017	
	VOLUME	%	VOLUME	%	VOLUME	%	VOLUME	%
CREME DE LEITE	2390	25	3268	17	0	0	0	0
LEITE EM PÓ	4344	45	14021	72	34886	54	59305	60
IOGURTE	149	2	16	0	0	0	1	0
SORO DE LEITE	45	0	29	0	8600	13	11530	12
MANTEIGA	83	1	10	0	1989	3	2799	3
QUEIJOS	1616	17	1649	8	10350	16	13450	14
TOTAL	8627	89	18992	97	55825	87	87085	88
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>9656</b>	<b>100</b>	<b>19577</b>	<b>100</b>	<b>64186</b>	<b>100</b>	<b>99312</b>	<b>100</b>

Fonte: Comex Stat (2018)<sup>6</sup>.

Como os maiores volumes comercializados pertencem às categorias Leite em Pó, Creme de Leite e Queijos, os maiores valores comercializados também acompanham essas categorias, como mostra a Tabela 7. O setor foi responsável por movimentar até junho de 2018 quase US\$ 26 milhões em exportações e em 2017 chegou a pouco mais de US\$ 58 milhões, as categorias consideradas são responsáveis por 89% e 98% desse total, respectivamente. Em contrapartida as importações já alcançaram quase US\$ 204 milhões para

6 Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>

o mesmo período de 2018 e encerraram 2017 alcançando pouco mais de U\$ 328 milhões, déficit de aproximadamente US\$ 270 milhões.

Tabela 07

**VALOR COMERCIALIZADO INTERNACIONALMENTE, EM MILHÕES DÓLARES, DOS PRINCIPAIS LÁCTEOS COMERCIALIZADOS PELA PAUTA BRASILEIRA**

DESCRIÇÃO	EXPORTAÇÕES				IMPORTAÇÕES			
	2018		2017		2018		2017	
	VOLUME	%	VOLUME	%	VOLUME	%	VOLUME	%
CREME DE LEITE	5,45	21,12	7,68	13,20	0,00	0,00	0,00	0,00
LEITE EM PÓ	8,56	33,16	40,77	70,10	101,21	49,64	196,64	59,93
IOGURTE	0,22	0,86	0,03	0,05	0,00	0,00	0,01	0,00
SORO DE LEITE	0,04	0,14	0,04	0,07	10,82	5,31	13,21	4,03
MANTEIGA	0,47	1,83	0,07	0,13	11,36	5,57	13,60	4,14
QUEIJOS	8,32	32,23	8,26	14,21	44,38	21,77	56,34	17,17
TOTAL	23,07	89,33	56,86	97,76	167,77	82,29	279,80	85,28
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>25,83</b>	<b>100</b>	<b>58,16</b>	<b>100</b>	<b>203,88</b>	<b>100</b>	<b>328,09</b>	<b>100</b>

Fonte: Comex Stat (2018)<sup>7</sup>.

À categoria *Leite em Pó* cabe 33% de todos os lácteos exportados em 2018 e 70% em 2017, em segundo lugar para o mesmo período fica a categoria *Queijos* com 32% e 14%, respectivamente, finalmente temos *Crema de Leite* contando com 21% de tudo o que foi vendido até junho de 2018 e com 13% de 2017. Em relação às importações, a categoria mais demandada também é responsável pelos maiores custos, em 2017 de tudo o que foi gasto com compras externas de lácteos, 50% pertence apenas à categoria *Leite em Pó*, em 2018 essa participação sobe para 60%. Os *queijos* também são importantes para compor essa pauta, sendo responsáveis por 22% em 2018 e 17% em 2017. *Manteiga* e *Soro de Leite* somados ficam com 11% e 8%, respectivamente.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>

Para o mês de junho de 2018 os lácteos mais exportados pelo Brasil foram os Queijos, representando 63,5% do total exportado. Os principais compradores foram Argentina com 27%, Chile com 20% e Rússia com 16%. Em relação as importações o Leite em Pó mantém o padrão de categoria mais importada, com participação de 65,5% nas importações totais de lácteos para o mês de junho e seguido por Queijos com uma participação de 31,4%. Argentina com 57% e Uruguai com 30% seguem na liderando a participação total nas vendas de lácteos ao Brasil. Mesmo com o aumento das exportações a balança comercial de lácteos para o mês de junho permanece negativa.

O Brasil é um país que tem estrutura para ser um grande exportador de lácteos mas precisa, primeiramente, atender sua demanda interna, reduzindo assim a pressão por importações, mas também precisa identificar, entender e contornar os entraves comerciais para dominar não só o mercado interno como ser um grande *player* do mercado externo.







### 3. BARREIRAS À COMERCIALIZAÇÃO DE LÁCTEOS NO BRASIL

A perecibilidade do leite e seus derivados contribui para a dificuldade de acesso a novos mercados. Conforme Kolling (2017)<sup>1</sup>, os entraves para o setor começam no custo de produção e transporte, principalmente pelo fato de que a estrutura brasileira de leite e derivados é feita por milhares de pequenos produtores, deixando-os em desvantagem em relação aos grandes exportadores do mercado internacional. Outros pontos a serem considerados são as altas cargas tributárias, legislação fiscal burocrática e precária infraestrutura logística em todo o país que depende em grande exclusividade de um único modal.

A vulnerabilidade logística brasileira foi completamente revelada em meio a greve dos caminhoneiros, dados do boletim do leite do CEPEA (2018)<sup>2</sup> mostram que de 25 de maio a 15 de junho de 2018 o preço do leite UHT (longa-vida) comercializado em São Paulo saltou de R\$ 2,45/litro para R\$ 3,15/litro, registrando alta acumulada de 29,3%. A alta de preços representou a alternativa que as empresas encontraram para repor estoques e tentarem normalizar a comercialização.

Mesmo com políticas desenvolvidas pelo Governo Federal, como o Leite Saudável em 2015, que objetivou melhoria da qualidade dos produtos lácteos brasileiros e o projeto Mapa Leite concebido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) e o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), ainda existem dificuldades internas que contribuem para que os produtores brasileiros tenham dificuldade em acessar e ampliar o mercado externo de lácteos.

O preço líquido médio pago ao produtor não tem apresentado uma tendência clara. Em agosto de 2016, como apresenta o Gráfico 7, alcançou o pico de R\$ 1,68, mais alto valor pago durante o período analisado. Fatores climáticos contribuíram para esse cenário de alta. A partir de então o preço apresentou queda até janeiro de 2017, quando se estabilizou durante os 5 meses seguintes e voltou a cair, fechando 2017 a R\$ 1,02, uma queda de 38% quando comparada a agosto de 2016. A queda de 2017 é justificada pelo aumento da produção de leite no mercado brasileiro. Essa injeção de oferta atrelada a uma retração da demanda por leite no ano passado, explicam o comportamento dessa série de preços. Já os primeiros meses de 2018, o valor pago aos produtores se manteve estável, porém, com a diminuição da oferta em função da greve dos caminhoneiros,

1 Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/1966/1/2017MarcioHenriqueKolling.pdf>

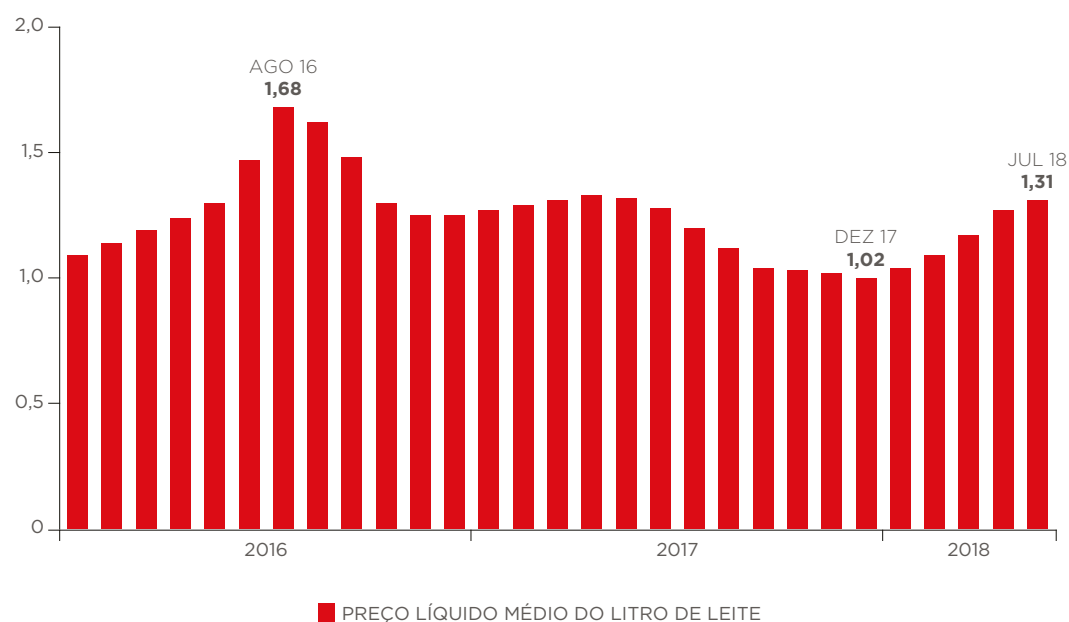
2 Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/categoria/boletim-do-leite.aspx>

o valor tem subido e fechou junho de 2018 a R\$ 1,31, uma alta de 31% se comparado a janeiro do mesmo ano.

Apesar da redução dos custos de produção para a pecuária leiteira durante 2017, o produtor se defrontou com um cenário em que a queda no preço do leite é superior a queda nos custos. Além disso a elevação do preço no segundo trimestre de 2018 se dá principalmente no intuito de reparar as perdas ocorridas durante a greve dos caminhoneiros e ajustar o preço de equilíbrio do mercado, advindo da redução da oferta.

### Gráfico 07

#### PREÇO LÍQUIDO MÉDIO DO LITRO DE LEITE PAGO AO PRODUTOR BRASILEIRO EM VALORES REAIS DE 2018



Fonte: CEPEA (2018)<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/indicador/leite.aspx>

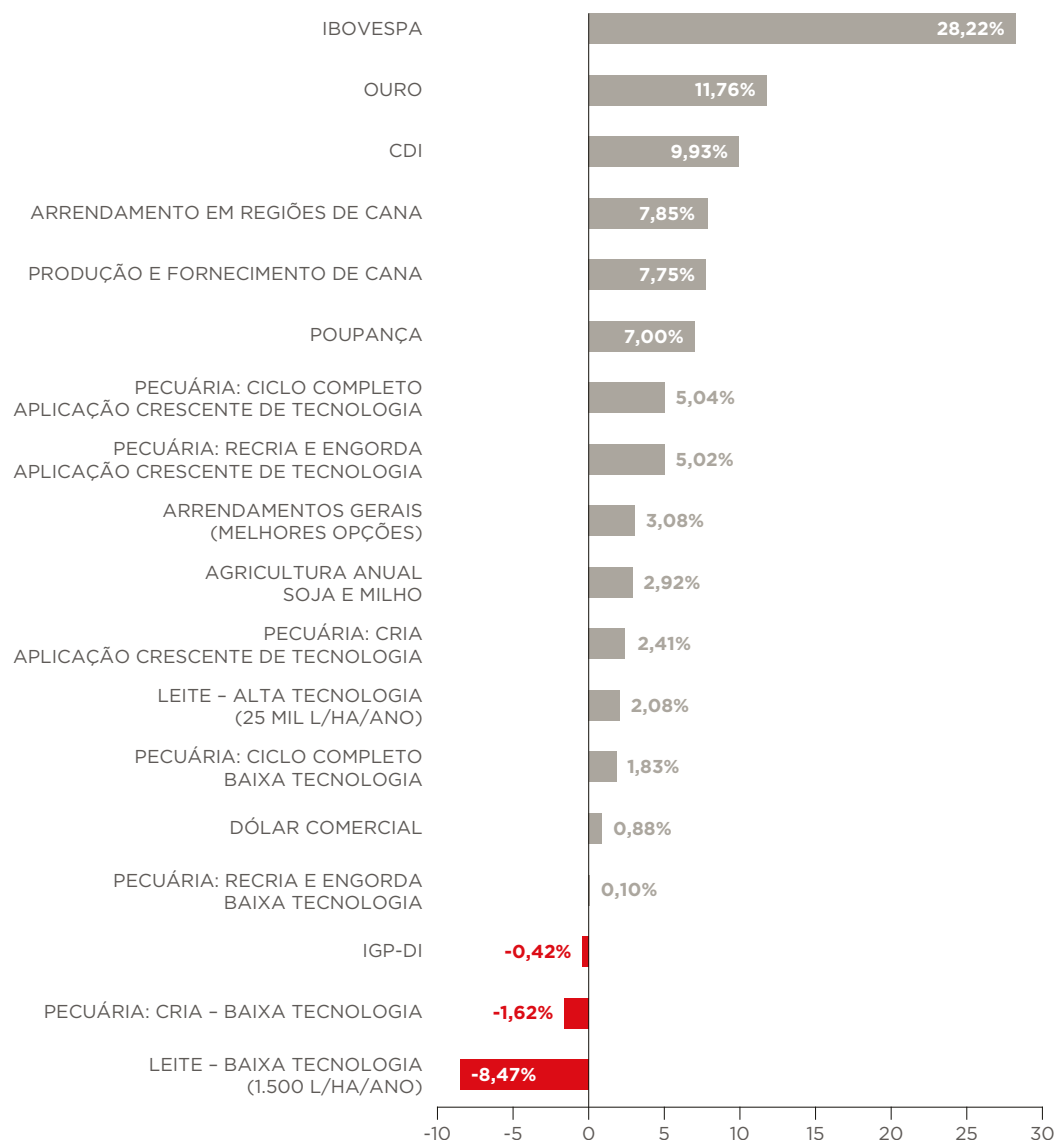
Diante desse cenário de contração do preço recebido de forma mais intensa que a redução dos custos de produção, como os produtores têm reagido para manter sua atividade economicamente sustentável? Por meio de duas estratégias: intensificação tecnológica e melhoria na gestão da propriedade.

De acordo com o Índice Scot Consultoria, a queda nos custos de produção da pecuária leiteira foi de 7,9%, enquanto os preços pagos aos produtores caíram, em média, 9,0% no mesmo período. Todavia, o impacto líquido dessas duas contrações (preço recebido e custos de produção) não foi homogênea entre os produtores. A queda nos custos de produção impactou mais as unidades produtivas que utilizam pacotes tecnológicos mais sofisticados, uma vez que foi observada uma redução maior nas cotações das rações e suplementos concentrados (milho e farelo), além dos fertilizantes. Embora, a rentabilidade média da produção de leite em 2017 tenha ficado aquém dos resultados de 2016, os piores resultados foram apresentados pelas unidades produtivas que fazem uso de tecnologias mais simples. No caso da pecuária leiteira, com produtividade média de 1,5 mil litros/ha/ano, houve prejuízo médio de 8,5% em 2017 (Gráfico 8).



**Gráfico 08**

**RENTABILIDADES MÉDIAS DAS ATIVIDADES AGROPECUÁRIAS  
 E INDICADORES ECONÔMICOS EM 2017**



Fonte: Scot Consultoria<sup>4</sup>; B3; Banco Central; FGV

4 Disponível em: <https://www.scotconsultoria.com.br>

Entretanto, o uso de tecnologias mais sofisticadas nem sempre é sinônimo de maior rentabilidade. Isso pode ser visto na Tabela 8 ao observar os números de 2016 para a pecuária leiteira no Estado de Minas Gerais. Enquanto as unidades que adotam pacotes tecnológicos de média ou alta intensidade (que permitem a produção de, em média, 25 mil litros de leite/hectare/ano) registraram um margem de R\$ 0,019/litro de leite, essa mesma margem para as unidades menos intensivas em tecnologia (produção média de 1,5 mil litros de leite/hectare/ano) foi de R\$ 0,033/litro de leite.

Tabela 08

**ESTADO DE MINAS GERAIS: RESULTADO ECONÔMICO DA PECUÁRIA DE LEITE**

SISTEMA DE PRODUÇÃO	EXPORTS						IMPORTS		
	CUSTOS DE PRODUÇÃO (R\$/LITRO)			PREÇO AO PRODUTOR (R\$/LITRO)			MARGEM DO PRODUTOR (R\$/LITRO)		
	2016	2017	VAR. %	2016	2017	VAR. %	2016	2017	VAR. %
Média/alta tecnologia (25 mil litros de leite/ hectare/ano)	1.226	1.130	-7.8%	1.245	1.219	-2.1%	0.019	0.088	363.2%
Baixa tecnologia (1,5 mil litros de leite/ hectare/ano)	1.085	1.047	-3.5%	1.118	1.095	-2.1%	0.033	0.048	45.5%

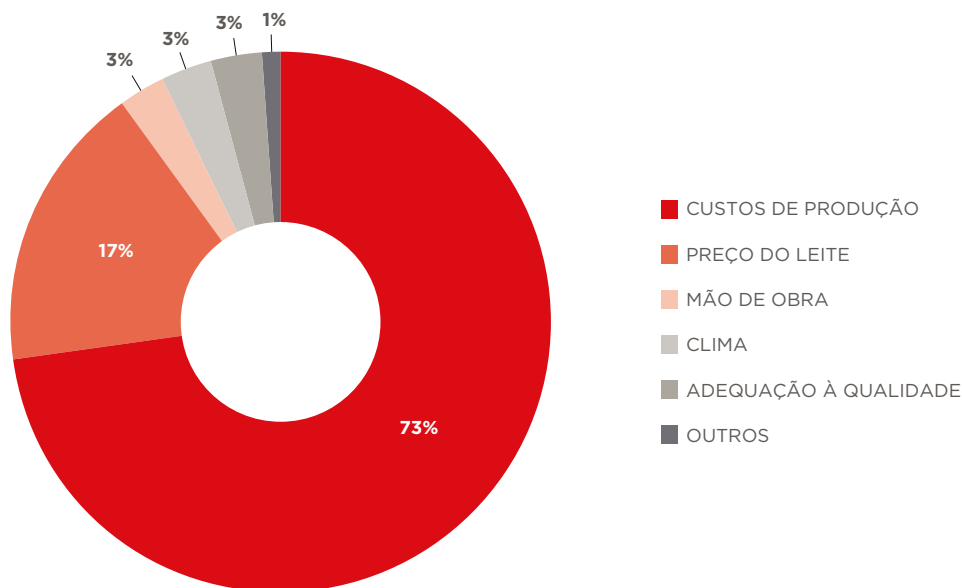
Fonte: Scot Consultoria<sup>5</sup>.<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.scotconsultoria.com.br>

Diante desses números, fica claro que a adoção de tecnologia mais sofisticadas não é garantia de maior rentabilidade. Nesse contexto, ganha especial destaque a importância da gestão. Por exemplo, um fator que decisivo para o resultado econômico na atividade leiteira é justamente a estratégia de quando fechar o preço da aquisição dos insumos. Em 2017, devido à elevação dos custos de produção (notadamente, o milho), a rentabilidade foi significativamente influenciada pela estratégia de escolher o melhor momento de fechar o preço dos insumos. Naturalmente, essa situação foi agravada em 2018 pelos desdobramentos da greve dos caminhoneiros.

Curiosamente, a importância da tecnologia e da gestão ainda não está no topo das preocupações dos produtores. Em uma pesquisa realizada pelo portal Milkpoint, conforme mostra o Gráfico 9, os custos de produção se apresentam, como o maior desafio encontrado pelos produtores brasileiros. Portanto problemas de logística, insumos caros e baixa rentabilidade compõe o desafiador cenário da produção de leite no Brasil, principalmente para pequenos e médios produtores que acabam sendo empurrados para fora da atividade e vão restando somente àqueles capazes de ganhar em escala, os grandes. Como a produção interna já apresenta custo elevado, o preço do leite como insumo também acaba se tornando um problema. Sendo assim, o mercado externo se apresenta mais competitivo e consegue oferecer lácteos a preços menores que os praticados internamente, tornando-se fornecedor de matéria prima.

Gráfico 09

**DESAFIOS ENCONTRADOS POR PRODUTORES DE LEITE NO BRASIL (%)**



Fonte: Adaptado de Milkpoint (2016)<sup>6</sup>.

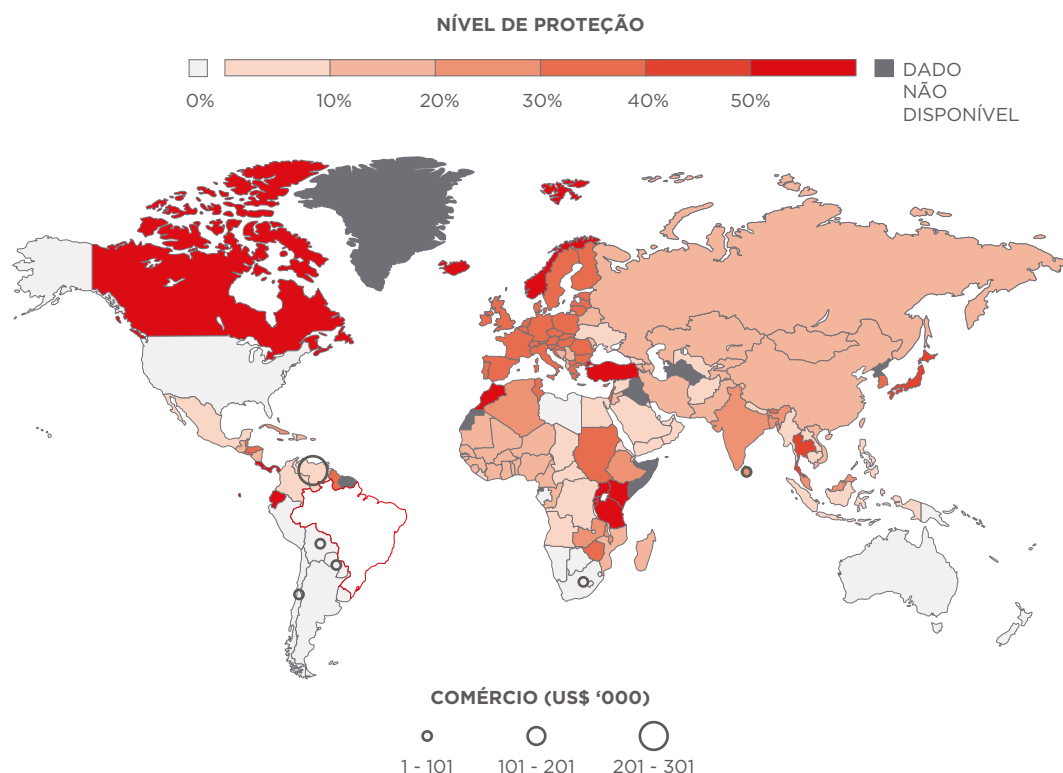
Além dos custos de produção, há outros fatores que contribuem para que a indústria brasileira de lácteos seja prejudicada, ainda na largada, na corrida pelo comércio exterior. Aliados aos entraves internos, há ampla variedade de instrumentos utilizados por governos para definir sua política comercial, como tarifas às importações, subsídios às exportações, cotas de importação e restrições voluntárias à exportação, acabam sendo utilizados como medidas. Mesmo com grande potencial produtivo lácteo o Brasil ainda enfrenta dificuldades e acaba esbarrando nessas barreiras, que são mais fortes para o setor agrícola e principalmente para o segmento em questão.

Políticas de incentivo, como exemplo o caso dos subsídios que são oferecidos aos pecuaristas da União Europeia, dificultam a competitividade brasileira e se tornam barreiras de acessibilidade ao mercado externo. Além da falta de proteção de um sistema via incentivos, que dificulta a concorrência e afeta diretamente o preço final do produto ofertado, fortes barreiras comerciais são impostas ao Brasil e abrandadas para países vizinhos, como o Uruguai por exemplo.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.milkpoint.com.br/noticias-e-mercado/giro-noticias/pesquisa-desafios-2016-custo-de-producao-e-o-maior-desafio-da-atividade-neste-ano-98732n.aspx>

As barreiras tarifárias ainda são prática comum nos produtos lácteos brasileiros no mercado internacional. Em alguns países as barreiras permanecem tão altas que inviabilizam a exportação. A Figura 2 abaixo mostra o nível de proteção tarifária ao mercado de leite e creme de leite, não concentrados nem adicionados de açúcar e outros corantes.

**Figura 02**  
**NÍVEIS DE PROTEÇÃO APLICADOS AO LEITE**  
**E CREME DE LEITE BRASILEIROS NO MERCADO INTERNACIONAL**



Fonte: Adaptado de Macmap (2018)<sup>7</sup>.

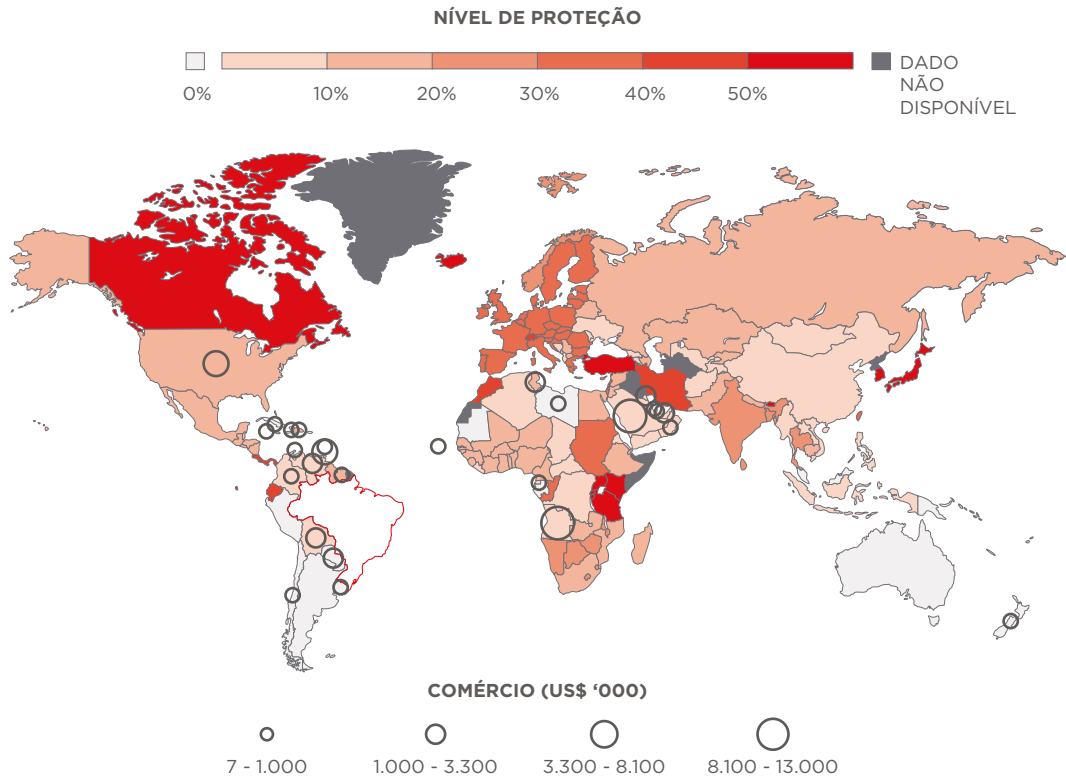
<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.macmap.org/QuickSearch/FindTariff/FindTariff.aspx>



É possível enxergar que grande parte dos países do mundo impõe barreiras tarifárias aos produtos brasileiros. Países como Canadá, Peru, Turquia, Zimbábue, Tanzânia, Japão e Tailândia estão entre os países que praticam as maiores tarifas.

A Figura 3 apresenta o nível de tarifas aplicadas ao leite em pó brasileiro, o nível de restrição é bastante semelhante ao mercado de *Leite* e *Crema de Leite*, com barreiras tarifárias aplicadas por grande parte dos países do mundo.

**Figura 03**  
**NÍVEIS DE PROTEÇÃO APLICADOS AO LEITE EM PÓ BRASILEIRO**  
**NO MERCADO INTERNACIONAL**



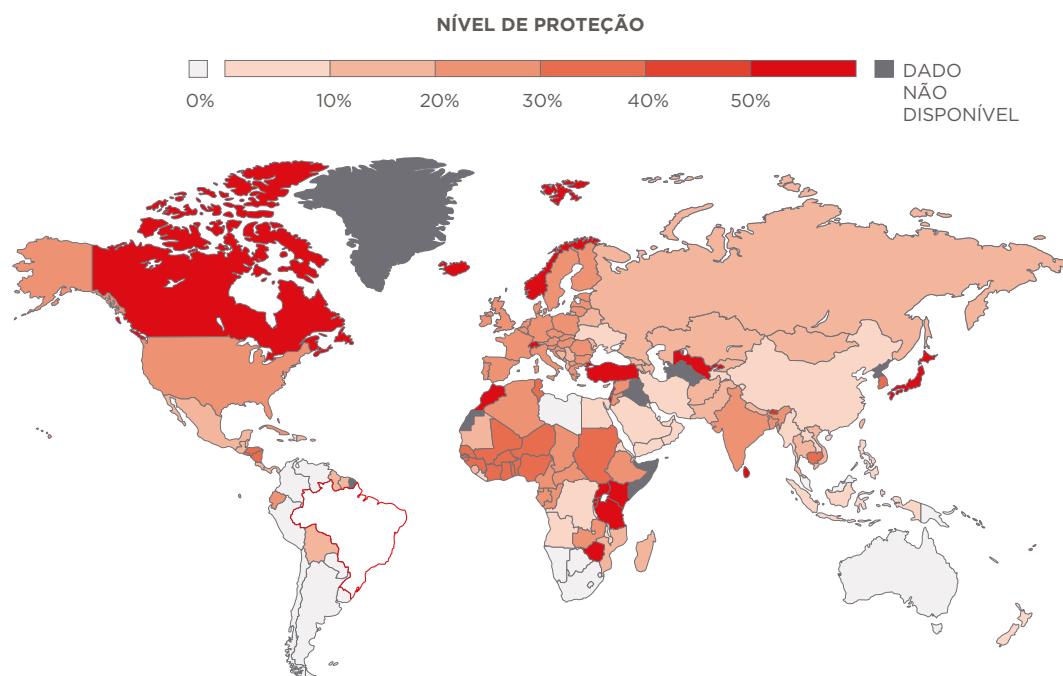
Fonte: Adaptado de Macmap (2018)<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.macmap.org/QuickSearch/FindTariff/FindTariff.aspx>

As Figuras 4, 5, 6 e 7 abaixo mostram as barreiras tarifárias impostas a *logurtes*, *Soro de Leite*, *Manteiga* e *Queijos* importados do mercado lácteo brasileiro.

**Figura 04**

**NÍVEIS DE PROTEÇÃO APLICADOS AO IOGURTE BRASILEIRO  
NO MERCADO INTERNACIONAL**

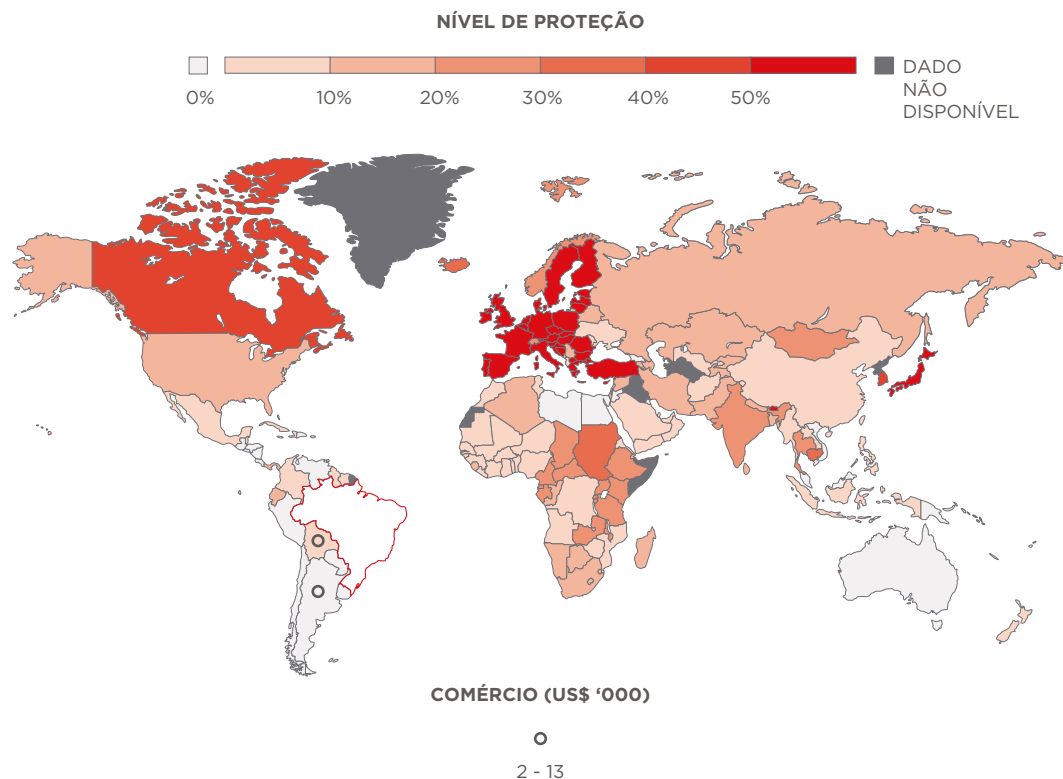


Fonte: Adaptado de Macmap (2018)<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.macmap.org/QuickSearch/FindTariff/FindTariff.aspx>

Figura 05

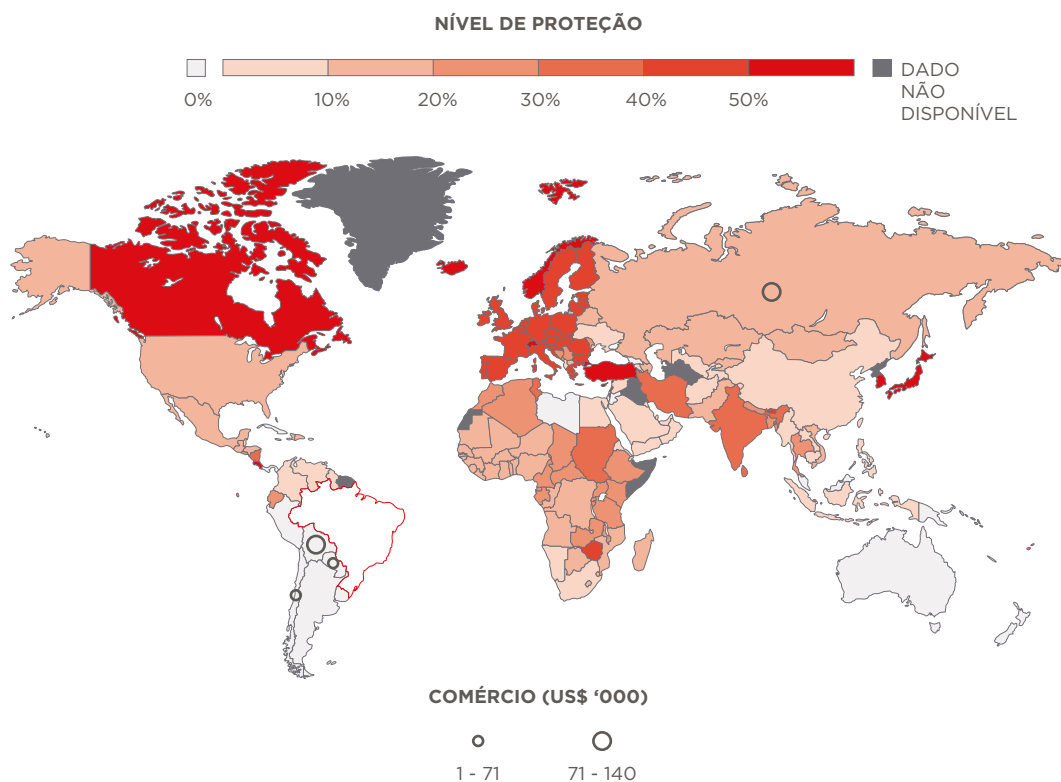
**NÍVEIS DE PROTEÇÃO APLICADOS AO SORO DE LEITE BRASILEIRO  
NO MERCADO INTERNACIONAL**



Fonte: Adaptado de Macmap (2018)<sup>10</sup>.

10 Disponível em: <http://www.macmap.org/QuickSearch/FindTariff/FindTariff.aspx>

Figura 06

**NÍVEIS DE PROTEÇÃO APLICADOS À MANTEIGA BRASILEIRA  
NO MERCADO INTERNACIONAL**

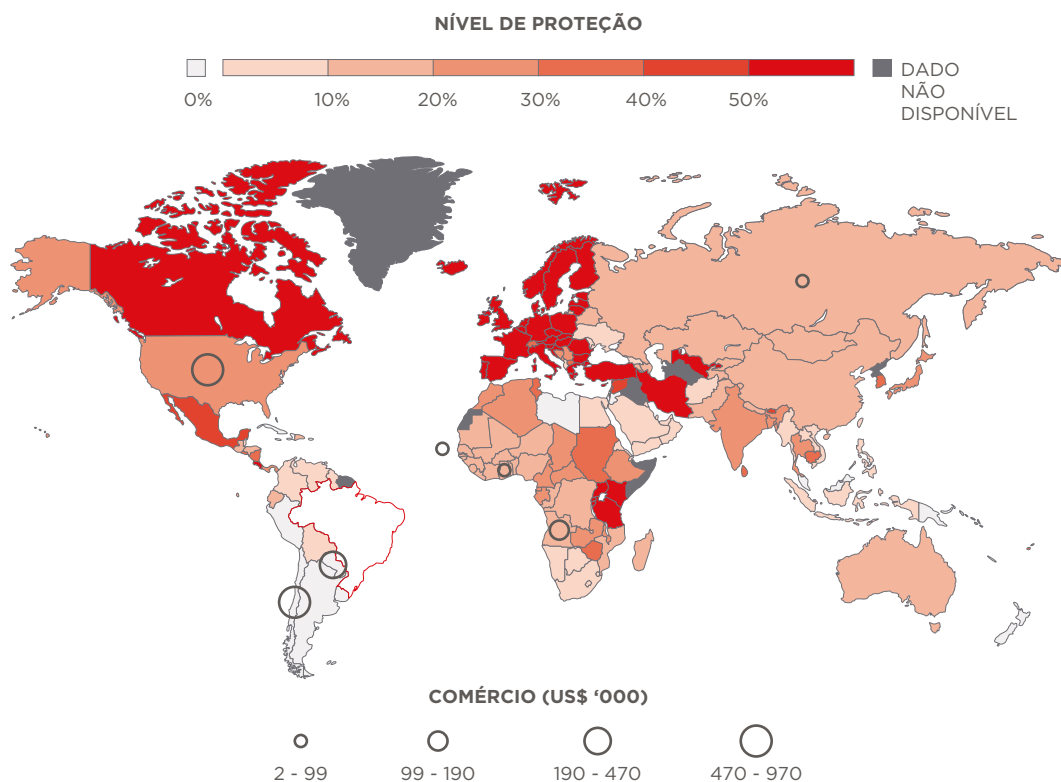
Fonte: Adaptado de Macmap (2018)<sup>11</sup>.

Dentre os lácteos, os mercados que mais sofrem no Brasil com as barreiras tarifárias são os de *Soro de Leite*, *Manteiga* e *Queijos*. Assim como todas as outras categorias já citadas, essas categorias são tarifadas por grande parte dos países do mundo, mas além disso percebem barreiras com um nível de proteção ainda mais alto vindas de países da União Europeia. O mercado de *Queijos* é o mais fortemente afetado, e conta com barreiras com alto nível de proteção praticadas no México e barreiras mais fortes vindas de países como Estados Unidos e Austrália. A Índia fortalece suas barreiras em relação a *Manteiga* brasileira.

11 Disponível em: <http://www.macmap.org/QuickSearch/FindTariff/FindTariff.aspx>

Figura 07

# NÍVEIS DE PROTEÇÃO APLICADOS AO QUEIJO BRASILEIRO NO MERCADO INTERNACIONAL



Fonte: Adaptado de Macmap (2018)<sup>12</sup>.

Outro grande entrave encontrado são as barreiras não-tarifárias que abrangem requisitos técnicos, ambientais, sanitários, políticas de preços-mínimos, etc. Esse tipo de barreira tem tomado o lugar de barreiras tarifárias principalmente por parte de fortes economias que usam tal medida para se protegerem internamente.

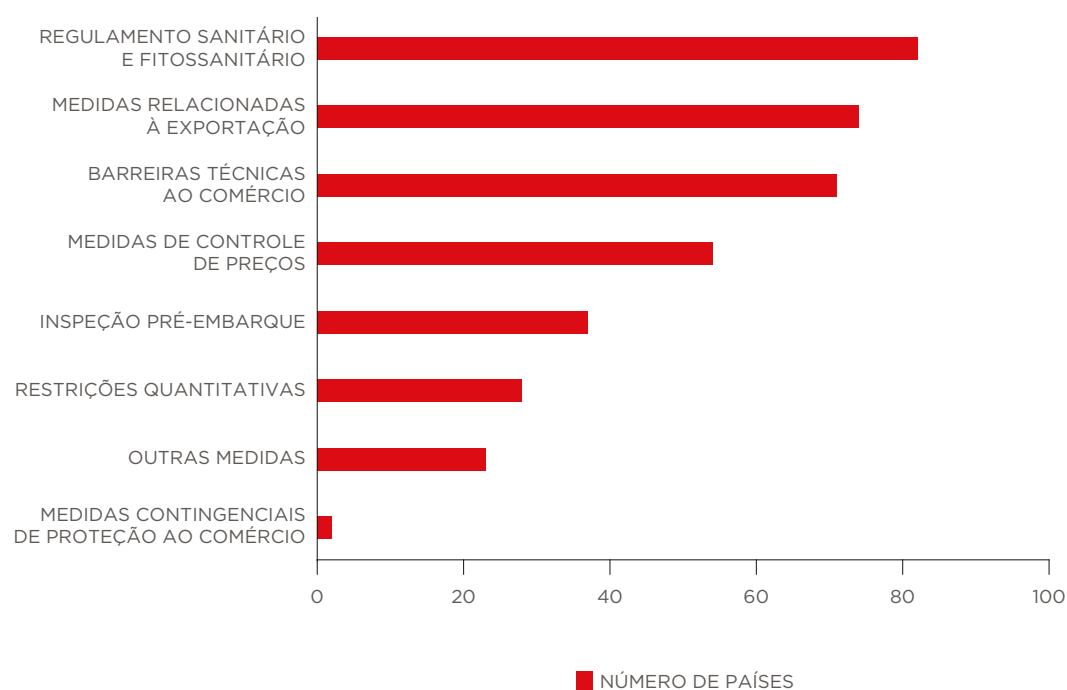
Além de todas as barreiras comerciais praticadas, a pauta de exportação de lácteos brasileiros ainda conta com barreiras não-tarifárias. As barreiras não tarifárias podem ser categorizadas por: Regulamento Sanitário e Fitossanitário [SPS] [A], Barreiras técnicas ao comércio [TBT] [B], Inspeção pré-embarque [INSP] [C], Medidas contingenciais de proteção ao comércio [CTPM] [D], Restrições quantitativas [QC] [E], Medidas de controle de preços [PC] [F], Outras medidas [OTH] [G,H,I,J,K,L,M,N,O] e Medidas relacionadas à exportação [EXP] [P].

12 Disponível em: <http://www.macmap.org/QuickSearch/FindTariff/FindTariff.aspx>

Em relação ao número de barreiras, são impostas barreiras sanitário e fitossanitário por 82 países ao Brasil, tornando-se a barreira não-tarifária mais adotada pelo resto do mundo em relação ao setor lácteo brasileiro, como mostra o Gráfico 8. Outras barreiras amplamente adotadas são Barreiras técnicas ao comércio (74 países), Medidas relacionadas a exportação (71 países) e Medidas de controle de preços (54 países). O número total de países que aplicam barreiras não tarifárias ao setor lácteo brasileiro chega a 84.

Gráfico 10

**QUANTIDADE DE PAÍSES QUE ADOTAM BARREIRAS NÃO TARIFÁRIAS À IMPORTAÇÃO DE LÁCTEOS BRASILEIROS**



Fonte: Trains, UNCTAD (2018)<sup>13</sup>.

Entre os principais compradores mundiais das diferentes categorias de lácteos comercializadas internacionalmente estão países como China Rússia, Estado Unidos, México e Japão, todos esses países praticam barreiras não tarifárias à indústria brasileira, como mostra a Tabela 8. Dentre as barreiras existente as mais utilizadas são Barreiras técnicas ao comércio e Barreiras sanitário e fitossanitário.

13 Disponível em: <http://trains.unctad.org/>

Tabela 09

**PRINCIPAIS IMPORTADORES DE LÁCTEOS E BARREIRAS NÃO-TARIFÁRIAS  
ADOTADAS POR ELES PARA IMPORTAR DO BRASIL**

	 CHINA	 RÚSSIA	 EUA	 MÉXICO	 JAPÃO
MEDIDAS CONTINGENCIAIS DE PROTEÇÃO AO COMÉRCIO					
MEDIDAS RELACIONADAS À EXPORTAÇÃO <sup>14</sup>		■	■	■	■
OUTRAS MEDIDAS					■
INSPEÇÃO PRÉ-EMBARQUE		■	■	■	
MEDIDAS DE CONTROLE DE PREÇOS		■	■		■
RESTRIÇÕES QUANTITATIVAS	■	■		■	■
REGULAMENTO SANITÁRIO E FITOSSANITÁRIO	■	■	■	■	■
BARREIRAS TÉCNICAS AO COMÉRCIO	■	■	■	■	■

Fonte: Trains UNCTAD (2018)<sup>15</sup>.

Para atingir o mercado externo o Brasil, primeiramente precisa se tornar mais competitivo e fortalecido internamente. Melhorar infraestrutura e logística para reduzir os custos de transporte, além da necessidade da redução de dependência de apenas um único modal, para que eventos como a greve dos caminhoneiros não sejam tão danosos a toda economia, principalmente para um setor que tem produtos que apresentam elevada perecibilidade, como o de lácteos. Redução de cargas tributárias e diminuição de burocracias também colaboram para que, principalmente, o pequeno produtor atinja novos mercados. Como o setor conta com a participação em larga escala de pequenos e médios produtores, também se faz necessário apoio colaborativo para que juntos alcancem maior competitividade e redução de custos, tanto para comercialização interna, ofertando matéria-prima, quanto para fomento do mercado externo.

<sup>14</sup> Export-related measures<sup>15</sup> Disponível em: <http://trains.unctad.org/>





# ANEXO 1

## APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS 13 PRODUTOS ANALISADOS CONFORME SUA NOMECLATURA COMUM DO SUL - NCM

CÓDIGO NCM	DESCRIÇÃO
04015021	Creme de leite UHT (Ultra High Temperature), com um teor, em peso, de matérias gordas, superior a 10%, não concentrados nem adicionados de açúcar ou de outros edulcorantes.
04015029	Outros cremes de leite, com um teor, em peso, de matérias gordas, superior a 10%, não concentrados nem adicionados de açúcar ou de outros edulcorantes.
04021010	Leite em pó, grânulos ou outras formas sólidas, com um teor, em peso, de matérias gordas, não superior a 1,5%, com um teor de arsênio, chumbo ou cobre, considerados isoladamente, inferior a 5ppm, concentrados ou adicionados de açúcar/outros edulcorantes.
04022110	Leite integral, em pó, com um teor, em peso, de matérias gordas, superior a 1,5%, sem adição de açúcar ou de outros edulcorantes.
04029900	Outros leites, cremes de leite, concentrados, adocicados.
04031000	logurte
04041000	Soro de leite, modificado ou não, mesmo concentrado ou adicionado de açúcar ou de outros edulcorantes.
04051000	Manteiga.
04061010	Queijo tipo mussarela, fresco (não curado).
04061090	Outros queijos frescos (não curados), inclusive requeijão, etc.
04063000	Queijos fundidos, exceto ralados ou em pó.
04064000	Queijos de pasta mofada e outros queijos que apresentem veios obtidos utilizando Penicillium roqueforti.
04069010	Queijos, com um teor de umidade inferior a 36,0%, em peso (massa dura).



## ANEXO 2

### AGREGAÇÃO DOS 13 PRODUTOS ANALISADOS CONFORME SUA NOMECLATURA COMUM DO SUL - NCM E SUA PARTICIPAÇÃO NA PAUTA DE COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL

CATEGORIA	NCM	DESCRIÇÃO NCM
CREME DE LEITE	04015021	Creme de leite UHT (Ultra High Temperature), com um teor, em peso, de matérias gordas, superior a 10%, não concentrados nem adicionados de açúcar ou de outros edulcorantes.
	04015029	Outros cremes de leite, com um teor, em peso, de matérias gordas, superior a 10%, não concentrados nem adicionados de açúcar ou de outros edulcorantes.
LEITE EM PÓ	04021010	Leite em pó, grânulos ou outras formas sólidas, com um teor, em peso, de matérias gordas, não superior a 1,5%, com um teor de arsênio, chumbo ou cobre, considerados isoladamente, inferior a 5ppm, concentrados ou adicionados de açúcar/outras edulcorantes.
	04022110	Leite integral, em pó, com um teor, em peso, de matérias gordas, superior a 1,5%, sem adição de açúcar ou de outros edulcorantes.
	04029900	Outros leites, cremes de leite, concentrados, adocicados.
IOGURTE	04031000	Iogurte.
SORO DE LEITE	04041000	Soro de leite, modificado ou não, mesmo concentrado ou adicionado de açúcar ou de outros edulcorantes.
MANTEIGA	04051000	Manteiga.
QUEIJO	04061010	Queijo tipo mussarela, fresco (não curado).
	04061090	Outros queijos frescos (não curados), inclusive requeijão, etc.
	04063000	Queijos fundidos, exceto ralados ou em pó.
	04064000	Queijos de pasta mofada e outros queijos que apresentem veios obtidos utilizando <i>Penicillium roqueforti</i> .
	04069010	Queijos, com um teor de umidade inferior a 36,0%, em peso (massa dura).



## ANEXO 3

## LISTA DE ABREVIACÕES

ACRÔNIMO	DESCRIÇÃO
CCPR	COOPERATIVA CENTRAL DOS PRODUTORES RURAIS DE MINAS GERAIS
CEPEA	CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA
CNA	CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL
EU	UNIÃO EUROPEIA
IBGE	INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
MAPA	MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
MT	MILHÕES DE TONELADAS
NCM	NOMENCLATURA COMUM DO SUL
PIA	PESQUISA INDUSTRIAL ANUAL EMPRESA
PPM	PESQUISA PECUÁRIA MUNICIPAL
SENAR	SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL
UHT	ULTRA HIGH TEMPERATURE
UNCTAD	UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT
VBP	VALOR BRUTO DE PRODUÇÃO







#### **RIO DE JANEIRO**

Praia de Botafogo 190/6º andar

Tel.: +55 21 3799.5498

Fax.: +55 21 2553.8810

#### **SÃO PAULO**

Av. Paulista 1294/15º andar

Tel.: +55 11 3799.4170

Fax.: +55 11 3262.3569

[www.fgv.br/fgvprojetos](http://www.fgv.br/fgvprojetos)